

L. PAUL



em nome  
do pai

FICÇÃO

Maputo - 2020

**Título:** EM NOME DO PAI

**Autor:** L. Paul

**Edição:** FDS-Fim de Semana, Lda.  
Av. 25 de Setembro, n.º 1123, 1.º andar  
Maputo-Moçambique  
Cel: 82 300 7740 - 84 300 7740

**Layout:** FDS-Fim de Semana, Lda./Elográfico, Lda.

**Capa e ilustração:** Elográfico, Lda.

**Tiragem:** 500 Exemplares

**Número de Registo:** DL/BNM/520/2020

Impresso em Fevereiro de 2020

## ÍNDICE

Sentindo a Morte a Aproximar-se.....	7
Viatura Incendiada .....	11
Namoro .....	19
Aproximação.....	33
O casamento.....	39
Os primeiros Anos .....	45
Reviravolta.....	53
A revelação.....	69
Viagem a Portugal.....	77
A minha Conceição .....	129
Transferência para Maputo .....	143



*Agradeço aos meus filhos pelo contributo para que este livro seja publicado na data de 18 de Fevereiro de 2020.*

*Espero que a minha experiência de vida ajude a trilhar um caminho menos difícil a todos aqueles que tiverem a oportunidade de ler esta minha história, mesmo que ficcionada.*

*L.Paul*



**SENTINDO A MORTE  
A APROXIMAR-SE**



Estou acamado, sem me poder levantar sozinho. A meu lado está uma auxiliar de enfermagem que me alimenta através de uma palhinha de plástico, limpa-me e dá banho ao meu corpo cansado, para além de me mudar as fraldas, entre tantos outros afazeres que um homem da minha idade já não consegue fazer sozinho, como dantes.

Estou prestes a fazer 80 anos e as pessoas que me vêm visitar pensam que, muito em breve, vou dar o meu último suspiro. Não fazem a mínima ideia de que lhes reservo ainda uma surpresa.

Noutro dia estive aqui uma minha prima, a Lúcia, outra velhota como eu, e que se pôs a chorar de tal maneira que até parecia que eu já havia sido sepultado.

Eu nem lhe disse nada. Mas gostaria que estes visitantes que vêm para aqui verter lágrimas, quase para cima de mim, soubessem o quão é incómoda esta choradeira, sobretudo para quem já está quase a bater as botas, como é o meu caso.

Já passamos o dia todo a chorar por dentro de nós, devido às fortes dores que sentimos, apenas suavizadas pelos remédios que tomamos. Não precisamos de ouvir esta choradeira de familiares, alguns dos quais até são bem capazes de ir fazer tijolo mesmo antes de mim. Às vezes, falam tão alto que devem pensar que já estou surdo. Mas até é bom que assim seja, porque eu fico a saber de coisas que, de outro modo, não saberia nunca.

L. PAUL

Noutro dia estive aqui o meu filho Leopoldo. Muito falador, desde pequeno que é assim, mas é o único filho que vem aqui para me contar novidades daquelas que eu gosto.

Numa das vezes contou-me uma história que me fez voltar a um passado muito, muito remoto e, antes que eu bata a caçoleta, gostaria de partilhar convosco estas minhas histórias do meu passado, para que saibam que a minha vida não foi nada fácil.

Tive muitos bons momentos, mas passei por cada uma, que muita gente, mesmo próxima de mim, não faz a mínima ideia. Até mesmo alguns dos meus filhos, sobretudo os mais novos. Esta é a surpresa que guardo para todos vós.

Acho que, quando este livro for publicado, eu já estarei com certeza morto e bem enterrado – aliás, a 18 de Fevereiro de 2020, data provável do lançamento deste livro por alguns dos meus filhos, assinalam-se exactamente 10 anos da minha eterna partida – mas, mesmo assim, conhecerão a minha história.

# VIATURA INCENDIADA



«Não sei se o pai já sabe, mas quem está cá de férias é o Boné, um dos irmãos da Marília».

Abanei a cabeça de assentimento. O meu filho Carlão, mais velho um ano que o Leopoldo, já me havia contado.

«Foi o Carlão que lhe disse?», abanei a cabeça de novo.

«Ainda bem que já sabe disso, mas o que o Carlão ainda não sabe é o que lhe vou contar agora sobre o que lhes sucedeu, quando iam a caminho da Beira».

«O tio Boné, mais o filho Célio, que veio com ele de Portugal, e ainda o tio Toi decidiram ir à Beira, de carro. Como o pai bem sabe, há já 40 anos que o tio Boné não vinha cá a Moçambique, desde que foi expulso, por ter optado pela nacionalidade portuguesa, e não a moçambicana, logo após a independência. Lembra-se, né?...».

A operação 24/20... Como eu haveria de esquecer? Os moçambicanos que se registaram no Consulado de Portugal, como portugueses, só tiveram 24 horas para abandonar Moçambique, praticamente só com a roupa do corpo e uma malinha, com não mais de 20 quilos de peso! Todo o resto tiveram de deixar, nem sequer tiveram tempo de vender o recheio das casas, nem nada...

Levantei o polegar para que ele entendesse que eu não me havia esquecido desta história. Por vezes, até penso que

eu deveria ter feito o mesmo, na altura. Teríamos saído daqui, todos para Portugal e teríamos evitado muitos dissabores pelos quais passámos nos anos a seguir à independência: a minha foto exposta como “comprometido” do colonialismo; a minha prisão sem culpa formada, durante quase seis meses, na sequência de um comício político, durante o qual fui acusado de “sabotador da economia nacional”; as bichas para conseguirmos comida, a pouca que havia; as humilhações, por sermos mulatos e, no entender de muitos, não originários e, portanto, “sem bandeira”; ainda por cima por eu estar casado com uma branca, uma portuguesa, entre tantas outras coisas que marcaram a minha vida. Mas a seu tempo, contarei tudo isto. O que tenho de sobra, agora, é tempo para contar.

Portanto, sentem-se comodamente nos vossos sofás, ou onde estiverem, e ouçam, ou melhor leiam, com atenção esta minha história. Não vou mais ter outra oportunidade, pois a minha hora está próxima. Nem eu, nem ninguém ficará para semente, acreditem em mim.

Mas vamos deixar o Leopoldo contar à maneira dele. Ele não vem me visitar todos os dias. Então, vamos aproveitar esta história que ele traz:

«...Foram no carro do tio Toi, um 4x4. A primeira parte da viagem, até que tudo correu bem. Mas quando chegaram à zona de Nhamatanda, antes de Inchope, parece que o tio Boné quis mostrar ao filho onde ele e os irmãos haviam crescido e desviaram-se da estrada principal, a N6, e entraram por uma picada. Como não sabiam bem onde encontrar a antiga quinta da família, perguntaram a um ciclista que por

ali passava, conduzindo uma velha bicicleta já bastante cansada, onde ficava uma farma que pertenceu, no tempo colonial, ao O'Connor.

Ao que me contaram, o ciclista, aparentando uns 60 anos de idade, franziu a testa ao ouvir aquele nome e até repetiu o apelido, pausadamente, à maneira dele, como se já o conhecesse de longa data: «Ah, o *Ó-cô-nôoo!*...».

«Eu nasci aqui, sou filho do Ó'Connor», explicou o tio Boné ao ciclista e, apontando para o Célio, disse: “Ele é neto do O'Connor e viemos visitar a quinta onde eu vivi em pequeno”.

Após terem recebido a explicação, o tio Toi e outros continuaram o caminho, mas o meu primo Célio contou que viu o ciclista a dialogar com outras pessoas que por ali também passavam, apontando o dedo para o carro, que já se havia distanciado deles.

O tio Boné conseguiu lembrar-se de um velho edifício que encontraram, embora já praticamente irreconhecível, por estar em ruínas. Foi quando pararam o carro, para dar uma volta a pé pelas redondezas, numa espécie de romaria de saudades.

É claro que o local já não tinha nada que ver com o tempo colonial. Naquela época, o O'Connor possuía terras a perder de vista, com vários tipos de frutos, para além de diverso tipo de cabeças de gado, desde bovino ao caprino. Nessa altura, ele mandava e desmandava naquele território todo, até mesmo na população, como se fosse ele o dono de tudo e até de todos.

Enquanto o tio Boné contava isto ao filho, o tio Toi olhou, repentinamente, para trás. Foi quando viu uma multidão a cercar o carro e, logo a seguir, um intenso fumo negro. O 4x4 estava a ser queimado com petróleo e capim. Não demorou muito para que o carro se transformasse, numa bola completamente em chamas.

Quando eles se aperceberam de que a mesma população, com cara de poucos amigos, já se dirigia para eles, com paus e pedras nas mãos, encetaram uma fuga forçada do local, refugiando-se num pequeno casebre, que servia de esquadra da Polícia.

Foi depois levantado um auto para tentar apurar as motivações daquela repentina fúria popular. O comandante da esquadra explicou-lhes, então, que isso tudo teve a ver com o «espírito de *Ó-cô-nôoo* que tinha vindo com o filho e o neto no carro e que a população queimou...».

Franzi o sobrolho. Sabia que ele não tinha sido boa rês em vida, que deixara poucas saudades e muito ódio entre os camponeses. Mas, mais de 40 anos depois ainda se justificava que a população se lembrasse dele, daquela maneira?... Muito estranho!

«O comandante local da Polícia explicou-lhes que, ao ouvirem o nome do antigo dono daquelas plantações, os populares lembraram-se de todo o mal que o *Ó-cô-nôoo* lhes havia feito no passado. A má fama perdurou, mesmo após a sua morte. Muitos dos que participaram na destruição do carro – aproveitando, primeiro, roubar todos os bens que aí encontraram e até mesmo um laptop – nem sequer eram

vivos quando o Ó-cô-nôoo foi o dono daquela plantação, mas sabiam da maldade que ele havia feito aos seus avós, aos pais e eventualmente a outros familiares.

O meu avô, pelo que o comandante da PRM lhes contou, mandava chicotear os trabalhadores, quando estes lhe desobedeciam, para além de violar as mulheres e filhas dos populares locais, entre os quais os seus empregados. Aliás, o tal ciclista que eles encontraram e a quem pediram informações era, afinal, um jovem que havia trabalhado na quinta, no tempo em que o O'Connor era vivo. Conheceu na farma uma moça, por quem se apaixonou. Casou-se com ela e quando se preparava, à noite, para a consumação das núpcias, vieram os capangas do Ó-cô-nôoo e levaram-na, à força, para a casa do patrão. O marido não pôde fazer nada, porque ele sabia que seria amarrado e chicoteado e até mesmo morto, se o afrontasse. Devolveram-na de madrugada, com as roupas rasgadas e desvirginada. Antes do sol nascer, a noiva se enforcou numa árvore no quintal e o rapaz desapareceu, sem deixar rasto.

E o curioso é que, exactamente no dia em que os familiares de O'Connor regressam para visitar a antiga quinta, eles pedem informações ao próprio trabalhador a quem o O'Connor havia violado a esposa agora um velhote. Veja só, como o mundo dá voltas».

Respirei de alívio e pensei: «Deus é grande!».



**NAMORO**



Conheci a filha mais velha do O'Connor, tinha ela ainda uns 14 anitos. Era uma moça recatada, corpo rechonchudo, muito clara, com os cabelos encaracolados. Mas tinha algo nos olhos dela que faziam diferença: pareciam muito tristes.

«Marília teve uma vida difícil», contou-me o tio materno, Cremildo, um amigo a quem eu visitava sempre que pudesse, quando fosse a Tete passar os meus dias de folga. Era uma das poucas pessoas que conheci que vivia, maritalmente, com duas irmãs gémeas.

De três em três meses, eu percorria num velho Bedford, de caixa aberta, mais de 500 quilómetros, por estradas de areia, pela floresta adentro, cruzando-me, muitas vezes, com leões e búfalos pelo caminho, para beber um pouco de civilização, ver caras novas, comprar alguns livros e revistas, visitar amigos, tomar algumas bebidas frescas. Alternava entre Tete e Beira. Era a maneira que eu tinha de descansar um pouco da vida monótona que tinha na serração de madeira do Mupa, próximo de Inhaminga, no meio de uma densa floresta, onde nada acontecia, nada havia, a não ser assistir ao corte da madeira e fazer a manutenção dos motores de camiões e máquinas.

Este era o meu trabalho, que conhecia e dominava desde os meus 14 anos de idade, quando o meu pai, o velho Chevalier, me entregou a um amigo de longa data e experiente mecânico, o Pontes, para que eu aprendesse uma profissão

e me pudesse desenrascar na vida. Naquele tempo, era assim mesmo. Primeiro aprendia-se um ofício e, depois, é que se ia à escola para aprender a ler e escrever. Tanto assim que, quando fiz a quarta classe elementar, já era eu um adulto.

Anteriormente, havia trabalhado numa outra serração, onde passei à categoria de mecânico depois de vários anos de aprendizagem do ofício. O facto de estar no mato e, portanto isolado dos vícios e prazeres mundanos, permitiu-me satisfazer a minha sede de aprender algo útil. Eu até podia não ter o diploma da quarta classe, mas aprendi ainda jovem a ler e escrever correctamente a língua portuguesa, em resultado da minha sede em saber tudo e mais alguma coisa.



O próprio trabalho de mecânico sempre me encantou, porque me levava à descoberta de como as coisas funcionavam, estimulando-me a perceber que mesmo as coisas que às vezes pareciam certas, também avariavam. Hoje é fascinante recordar como nesses tempos aprendíamos tanto e nos ocupávamos com coisas realmente importantes e úteis, não estas

futilidades que observo nesta nova geração, nos meus netos coitados, sempre agarrados aos telefones celulares e aos tablets. Soube, aliás, que um dos meus netos, para saber como tirar um pneu do carro, teve de procurar a resposta num tal de YouTube... Meu Deus, como o mundo está hoje em dia!

No meu tempo aprendíamos com os nossos próprios erros, porque assim a lição entrava mais rápido e nunca mais era esquecida. Isso tudo, agora, vem a propósito de um episódio que me marcou profundamente e me deixou marcas físicas no corpo, que carrego até hoje.

\*\*\*\*\*

Vão-me desculpar este desabafo, próprio de um velho no limiar dos oitenta. Somos dados por vezes, a viajar, aparentemente sem rumo, mergulhados nas nossas próprias recordações, às vezes, reais, e noutras, distorcidas.

Mas também temos todo o tempo do mundo porque, por vezes, quando a insónia bate e perante o silêncio da noite, temos que manter, pelo menos, o cérebro activo para não entrarmos em desespero, em depressão, sobre o sentido da vida. Nada melhor, senão teletransportarmo-nos para tempos que já lá vão e puxar fundo das recordações mais marcantes.

Mas vou tentar limitar-me a contar esse tal episódio na serração de Xiluvo, numa casa muito próxima ao meu local de trabalho, aliás pertença da serração onde trabalhei por largos anos, onde vivia com a minha irmã Luísa, que se encarregava das lides domésticas, dos meus pertences e da minha alimentação. Ela havia sido instruída pelo meu pai

para me acompanhar e para garantir que o seu irmão mais velho, eu no caso, vivesse com algum conforto mínimo e não se sentisse completamente isolado.

A fatalidade a que me refiro aconteceu num certo dia, igual aos demais, em que tudo corria dentro da normalidade, até ao escurecer, pois era assim que trabalhávamos, sem os relógios para cronometrar as nossas actividades. Despertávamos, nessa altura, com o galo a cantar e somente terminávamos depois de cumprida a meta estabelecida ou quando a escuridão não permitia fazer mais trabalhos. Era assim, praticamente todos os dias, sábados e domingos incluídos, durante quase todo o ano. Feriados, nós nem sabíamos o que isso era. Até parecia escravidão, se descontássemos o facto de termos salário e um mês de férias todos os anos, para estar com a família e rever amigos.

Nesse final da tarde, que se revelaria fatídico para mim, estava em casa e já com a minha literatura preferida, que relia, vezes sem conta, sentado numa das típicas cadeiras coloniais de descanso, com os pés sobre um banco, na varanda de madeira, defronte à enorme floresta que ficava nas traseiras da casa, enquanto aguardava pela sopa que a minha irmã me servia regularmente, antes do jantar.

É quando, absorto na leitura, ouço ao de longe apitos de alarme. Confesso que não reagi tão rápido como seria suposto, pois me embalara na leitura e confundi os apitos com a história que lia, de tão concentrado que estava. Mas, de repente, aquele apito inicialmente longínquo tornou-se ensurdecedor e real.

Era o aviso, tão poucas vezes usado, de que algo grave estava a acontecer. De imediato, corro para a serração, muito

próximo de onde eu estava e, lá chegado demasiadamente sôfrego, deparo-me com o início de um incêndio próximo ao armazém de combustível.

Mais tarde, vim a saber que o meu patrão, o senhor Pontes, estivera a abastecer o seu Land Rover nas proximidades, quando passou alguém, que certamente teria bebido a mais, a fumar um cigarro. Sem ter a noção do perigo e, até talvez mesmo sem intenção, atirou a beata que, levada pela brisa que começara ao fim do dia, entrou em contacto com os vapores de uma das latas vazias de combustível e deflagrou em chamas.

Isso praticamente serviu de rastilho para atear fogo no tambor ao lado. Aí começaram com os apitos de alarme, embora inicialmente parecesse controlável, quando cheguei.

Por segurança, e numa atitude talvez meio irreflectida, resolvi abrir a porta do armazém onde guardávamos, de reserva, cerca de 15 tambores de gasolina, diesel e óleo de motor, para serem usados por um longo período de tempo.

Tinha receio que algo de grave pudesse acontecer, como, infelizmente, veio a verificar-se. Eu, juntamente com outros dez trabalhadores da serração resolvemos tirar os referidos tambores de 200 litros cada, que estavam cheios, para fora do alcance das chamas. Não era uma operação muito complicada, porque somente tínhamos de deitar os tambores ao chão e rebolá-los pela porta afora do armazém e para longe do incêndio que já estava a ser debelado.

No desespero do momento, nem nos apercebemos de que duas pessoas davam conta de cada tambor, tão hercúlea era a nossa determinação de nos livrarmos do pior. Quando

praticamente faltava remover do armazém o último tambor, um dos trabalhadores que acabara de chegar para tentar apagar o fogo do tambor em chamas, por puro desconhecimento, ou sei lá por que outra razão, resolveu jogar um balde de água, para tentar extinguir completamente o fogo, que até aí estava a ser combatido com areia.

De repente, as chamas recrudesceram e respingaram para o lado da porta do armazém. Ao que se apurou mais tarde, este incidente fez com que o chão se convertesse num segundo rastilho, propagando o incêndio para o interior do armazém, onde eu me encontrava, juntamente com mais um trabalhador.

Não me recordo exactamente do que terá acontecido a seguir. Somente dei conta de mim, ao despertar, muitas horas depois, todo enfaixado com ligaduras e empapado em cremes, já no posto de saúde da serração, de onde fui, depois, transferido para o hospital da Vila Pery (actual Chimoio).

Estive cerca de seis meses internado, algumas vezes completamente inconsciente, e, outras, com dores atrozes, resultantes das queimaduras que sofrera. A Luísa, que acompanhou todo este meu calvário, é que me contou depois o que tinha acontecido.

Infelizmente, o outro trabalhador morreu, porque não avaliou a gravidade e não foi suficientemente rápido a escapular-se do armazém onde estava o último tambor de gasolina e os vapores de combustível, os quais provocaram uma tremenda explosão, tirando-lhe a vida.

A minha irmã assistiu ao meu completo desespero, ao ver uma tocha viva na forma de um homem, a correr,

desenfreadamente, a tentar escapular-se do armazém. Mesmo ela não me reconheceu, na altura. O fogo queimou-me os cabelos e pôs parte da minha cara em chamas, bem como a parte exterior dos meus braços porque, ao sair, eu protegia a cara com as duas mãos.

O incêndio afectou também as minhas orelhas, pois uma delas ficou pequena em relação à outra. Os braços é que foram os mais atingidos, de tal sorte que a parte exterior ficou com escamas de queimadura, o que me obrigou a andar com vestes de mangas compridas para o resto da minha vida. Aliás, constituía um enigma para aqueles que não sabiam da minha história: por que o Emmanuel andava sempre de vestes de mangas compridas, fizesse sol ou chuva, mesmo em dias de intenso calor? Esse foi sempre um segredo meu, que somente alguns dos meus familiares mais velhos sabiam, porque acompanharam aquela tragédia. Os mais novos, aparentemente, nunca souberam, porque até os meus filhos somente se aperceberam disso depois de lhes contar.

Mas, felizmente, depois de dois anos de recuperação, o meu patrão resolveu enviar-me para outra serração maior e melhor apetrechada, em reconhecimento do meu sacrifício e iniciativa, que poderia ter-me custado a vida. Satisfeito com a minha proeza, que impediu uma catástrofe descomunal na serração, aumentou o meu salário e categoria, passando a ter mais folgas e outros benefícios sociais. Até passei a poder usar a viatura da serração, um Bedford, para as minhas deslocações particulares.

\*\*\*\*\*

Era com esse Bedford que fazia as minhas idas e vindas a Tete ou Beira. Estas minhas deslocações encorajavam-me a não ficar tão encafuado no meio da incivilização. E quando conheci Marília passei a sonhar com estas minhas viagens. Nunca imaginei as surpresas que a vida me traria, por causa desta moça, por quem um dia me apaixonei perdidamente.

Eu chegava a Tete e ficava alojado numa pensão. Na manhã seguinte, logo após o matabicho, ia à casa do Cremildo, já não mais com o propósito de bebermos algo gelado, umas cervejas geladas para ele, de que era um bom apreciador porque eu ficava pelos refrigerantes e trocarmos umas palavras, mas com a expectativa de rever a minha futura esposa.

Nunca cheguei a conhecer o pai, o O'Connor, não por minha vontade. Até que eu queria ir a Nhamatanda pedir-lhe autorização para namorar a filha mais velha, pois quem, na verdade, havia consentido o namoro era o tio materno, o meu amigo Cremildo, com quem a Marília vivia. Mas, de cada vez que eu falava nisso, a rapariga se encolhia toda e mudava de assunto. Até que um dia, numa noite de intenso calor, perguntei ao Cremildo sobre as estranhas reacções da sobrinha, de cada vez que eu falava sobre o pai.

«Este é um assunto muito delicado que eu preferia que fosse a mãe dela, a minha irmã Tôia, a contar, mas de cada vez que eu espero que vocês se encontrem, ela não aparece nunca. Acho que ela está a fugir de um encontro contigo. Por

isso, terei de ser mesmo eu a falar sobre o assunto, mas peço que me ouças até ao fim e não me interrompas. Farás no final o teu juízo de valor, sobre o que sucedeu na nossa vida e tirarás as tuas próprias conclusões».

Eu estava de boca aberta, a ouvir isto do Cremildo e não lhe interrompi enquanto ele falava.

«Conforme bem sabes, minha irmã fugiu da casa do marido, estando agora a viver com um outro sujeito, na Beira, o Rodrigues. Só que acho que nunca te contaram as razões por que ela fugiu de casa. Ela já me vinha falando sobre alguns episódios do que se passava entre o casal, mas custava-me imenso acreditar. O meu cunhado era um grande mulherengo, não havia saia que ele não quisesse arrancar em Nhamatanda, mesmo que fosse à força. Por vezes, ele aparecia em casa com as roupas manchadas de sangue. Nesses dias, vinha embriagado e batia na minha irmã. De início, ela não percebia o que se passava, até ao dia em que, tendo ela acabado de ter um bebé, uma menina, a mais nova e última do casal, a minha irmã ouviu, de madrugada, gritos por detrás da casa, nas dependências, e aí ela se levantou da cama para ver o que se passava.

É quando ela, de forma bastante trágica, encontra o O'Connor a violar uma rapariga das plantações, de uns 14 anos que acabava de se casar nesse mesmo dia. Ele, para se defender, diz que «não era o que ela estava a pensar», mas a minha irmã tinha-o surpreendido por cima da pobre rapariga, ele completamente nu e a moça com o vestido rasgado, ensanguentado.

A Tônia fechou-se em casa, completamente em prantos. No dia seguinte, arrumou as malas e fugiu, deixando tudo para trás, até mesmo os seus próprios filhos, incluindo a menina recém-nascida, deixando-as aos cuidados de uma empregada que tinha acabado de dar parto, mais ou menos ao mesmo tempo que ela. Foi para Beira, para a casa de uma nossa prima e nunca mais quis saber do marido. Mais tarde, conheceu o Rodrigues, com quem se juntou e teve dois outros filhos. A raiva do O'Connor, de ter sido abandonado, e pelo facto de a minha irmã nunca mais ter voltado para casa, foi tão grande que ele chegou ao ponto de registar a filha mais nova como se tivesse nascido de uma mãe incógnita... Vê lá, não é pai incógnito, é mãe incógnita. Tudo isto para se vingar da minha irmã...».

Eu estava atónito! Mesmo que o Cremildo não me tivesse pedido para ficar calado, ouvindo apenas o que ele contava, eu teria ficado de boca fechada perante esta narrativa tão cruel.

«Agora vem a parte mais difícil, a que te diz respeito, ou melhor à tua noiva». Aí, engoli em seco.

«Passou um tempo após a Tônia se ter ido embora. O ambiente em casa continuava pesado, o O'Connor cada vez mais carrancudo, cada vez mais embriagado, a dar sovas, a torto e a direito nos filhos e nos empregados, por qualquer motivo que fosse. Até que numa noite, já pela madrugada, quando ele estava convencido de que todos estavam a dormir, entrou no quarto da Marília, ela coitada, ainda uma pobre criança... Não é que o malvado tentou fazer-lhe o mesmo que às outras raparigas! Os outros irmãos, que dormiam no mesmo

quarto, acordaram subitamente e impediram o pai de cometer tamanha sujeira; daí ela ter deixado a casa do pai e ter vindo viver connosco, para ficar longe daquele monstro...».

Cremildo olhou para mim, para ver o que os meus olhos diziam. Para além da incredulidade, ele não encontrou mais nada, nem sequer raiva, por não me terem contado nada antes. Conforme vocês irão se aperceber ao longo dos próximos episódios, eu sempre fui o último a saber, até mesmo de coisas que eu deveria ter tomado conhecimento a tempo. Teria evitado muitos erros ao longo da minha vida. Mas, a seu tempo, lá chegarei.

«Agora é contigo, meu amigo. Peço desculpas por não te ter contado antes. Nem imaginas o quanto tive vontade de o fazer. Mas não tinha encontrado ocasião para falar contigo sobre este assunto. Sempre pensei que a Tôia viesse à tua procura. Mas agora já sabes. Tens todo o direito de romper o compromisso que estabelecemos em relação à minha sobrinha e seguir a tua vida em frente, tu é que sabes...».

Preferi não fazer comentário algum. Acabei de beber o que restava do copo e saí porta afora.



# APROXIMAÇÃO



No dia seguinte arrumei as malas, pus o Bedford a trabalhar e voltei à minha vidinha na serração. Dois meses depois, estava de volta a Tete e a primeira coisa que fiz foi bater à porta da casa do Cremildo. Quem me recebeu foi a Marília. Parecia mais adulta. Pela primeira vez, via-a com batom nos lábios.

Não teve coragem de me olhar de frente, tendo baixado a cabeça logo que me viu. Foi se sentar no mesmo lugar de sempre, na sala de visitas. Desta vez, a tia não nos fez companhia. Nas ocasiões em que a visitava, estávamos sempre acompanhados de uma pessoa mais velha na sala de estar. Conversávamos baixinho, falando sobre os nossos planos futuros, sobre onde iríamos viver, o número de filhos que pensávamos ter – aqui ela sempre dizia «não mais que um» e eu contestava «pelo menos três» –, coisas dessas que os noivos costumam falar.

«O senhor está zangado comigo?», perguntou ela.

«Já te pedi que não me trates por senhor. Eu vou ser teu marido e tens de te habituar a me tratares por tu, ou então por Emmanuel. Mas onde já se viu uma noiva a tratar o futuro marido por senhor?».

«Já me disse isso antes, eu sei... Mas a mim custa tratá-lo dessa maneira. O senhor é uma pessoa mais velha. Tem o quê?...A idade do meu tio? Vocês são muito amigos e se

tratam por tu. Agora, eu não. Sou muito mais nova que o senhor...Ao meu tio, também trato por senhor...».

Ela não deixava de ter razão. Ela ainda tinha 15 anos e eu já perto de 30 anos. Notava-se a diferença entre nós, quem nos visse juntos até poderia pensar que ela fosse minha filha. Decidi mudar de assunto, ou melhor, voltei ao primeiro assunto:

«Porquê que dizes que estou zangado contigo?...».

«Por causa da última vez que cá estive, do que o meu tio lhe contou a meu respeito, do que o meu pai tentou fazer comigo. Eu até pensei que não fosse voltar mais...».

«Isso nunca. Eu gosto muito de ti. Nós nos vamos casar. Esqueceste-te?...».

«Eu não me esqueci, não. Mas já que falamos do assunto, temos mesmo que nos casar quando eu fizer 18 anos? Não seria melhor esperar mais um pouco?...».

«Pensei que já tivéssemos encerrado este assunto. Eu sinto-me muito só lá na serração. Preciso de ter uma esposa junto de mim. Ter filhos. Um lar. Sermos uma família feliz».

«E eu o que vou fazer na serração? O senhor já me contou que lá não há praticamente nada para fazer. Vou ficar todo o tempo a cozinhar para si, a lavar e passar roupa? Será essa a minha vida?...».

«Nada disso. Para este tipo de trabalho há lá um mainato que lava, passa a roupa e também cozinha. Tu vais para lá para ficares perto de mim, do teu marido. Tenho lá muitos livros e muitas revistas para tu leres. Quero que sejas uma

pessoa instruída. Poderemos falar sobre a história universal, sobre a geografia do mundo, sobre a astronomia, se quiseres, lá se podem ver tantas estrelas no céu, depois há tanta coisa para conversarmos...».

«Mas o senhor é professor? Afinal não é mecânico?».

«Uma coisa não tem nada que ver com a outra. Eu sou mecânico de profissão, mas há muita coisa que eu sei que te posso ensinar. Não é preciso ser professor para isso. Tenho uma grande colecção de revistas, que eu compro quando vou à Beira, vais gostar muito, sobretudo, das “Seleccções Reader’s Digest”. Fala de tudo o que se passa no mundo. Tenho também um pequeno telescópio e que dá para vermos as estrelas, as constelações. Lá há tanta coisa para uma pessoa se entreter, nem consegues imaginar. Até música podes ouvir, pois tenho lá um gramofone e vários discos. Vais gostar muito de um disco que eu ponho muitas vezes, da “Anapôla”...».



Nos três anos seguintes foi esta a minha rotina. Serração-Tete. Tete-Serração. Conversas na sala de estar, por vezes com companhia, noutras, nem tanto. O Cremildo sempre amável comigo. Desde que me contou sobre os episódios ocorridos na farma do O'Connor que passei a senti-lo menos tenso. Foi melhor assim. Mal eu sabia que ele escondia outras coisas mais graves, de mim.

# O CASAMENTO



Numa das minhas folgas, em vez de ir a Tete, fui à Beira. Soube das medidas dela e fui buscar um vestido de noiva que havia encomendado para o nosso casamento. Queria fazer-lhe uma surpresa. Ultimamente sentia-a muito distraída, como se estivesse sempre com a cabeça na lua. De cada vez que falávamos sobre o casamento, franzia a testa e a cara ficava tensa. À medida que os meses ficavam mais próximos, ela parecia que ficava doente. Interpretei tudo isso como resultado da inexperiência e da ansiedade das noivas, perante o dia tão esperado. Afinal, ela estava a pensar em outra pessoa.

Pensando hoje, quanto ao que aconteceu, acho que o Cremildo deveria ter-me prevenido sobre o que se estava a passar. Nunca mais lhe perdoei, por me ter escondido algo tão importante que teria mudado a minha vida, se eu tivesse tomado conhecimento atempadamente. Mesmo as minhas irmãs, pelos vistos, já sabiam de tudo, mas não me disseram nada. O único ignorante no meio desta história parece que fui eu. E, por causa disso, o meu castigo foi duro, muito cruel, pelo qual paguei todo o resto da minha vida. E os meus filhos também.

Como a mãe, Tôia, havia falecido poucos meses antes, e para não adiarmos o casamento, achei que, devido ao luto, não deveríamos fazer nenhuma festa. Seríamos só nós, mais os padrinhos, as minhas irmãs e pouco mais do

que isso, no máximo umas 20 pessoas mais chegadas. «Para mim, tanto faz», respondeu ela, como se o assunto não lhe fizesse questão.

Cheguei cedo à igreja, estando já lá dentro os meus familiares e alguns, dos poucos, meus convidados. Mas, ao estacionar o Bedford no pátio principal, achei estranho que ali estivessem outros carros parados, com várias pessoas no seu interior. Mas como não tinha nada que ver comigo – assim pensei – ignorei-os. Erro meu. Mas como haveria de adivinhar?

Perto de uma hora depois da hora marcada, chegou a noiva acompanhada pelos tios. Vinha deslumbrante, com o vestido que eu havia comprado, mas o seu passo parecia ser arrastado, como se tivesse grilhetas de chumbo nas pernas. O tio parecia estar a empurrá-la na minha direcção. Ao pegar nas mãos dela, senti-as bastante frias e trémulas, mas dirigi-me ao pároco que parecia estar impaciente com a demora.

Foi quando senti passos, muitos passos e vi então uma multidão a entrar no recinto da igreja e a procurar lugares para se sentar.

«Mas que raio de gente é esta? Eu não os convidei...», falei para com os meus botões. Mas preferi concentrar-me na minha própria cerimónia. Era o meu dia. Ninguém mo poderia roubar. Com excepção daquela gente estranha, quase todos goeses, pessoas com quem eu nem sequer convivia, todo o cerimonial estava a correr bem, até ao momento em que o padre proferiu as palavras de praxe.

«Senhor Emmanuel Chevalier, é da sua livre e espontânea vontade contrair matrimónio com a senhorita Marília O'Connor?».

«Sim», respondi eu, sem qualquer hesitação.

«Senhorita Marília O'Connor, é da sua livre e espontânea vontade contrair matrimónio com o senhor Emmanuel Chevalier?».

... [Silêncio].

O padre perguntou de novo:

«Senhorita Marília O'Connor, é da sua livre e espontânea vontade contrair matrimónio com o senhor Emmanuel Chevalier?...».

Marília estava pálida, tremia como varas verdes. Em silêncio, estava também toda a igreja.

Ao perguntar pela quarta vez, já todo irritado, aí Marília deixou escapar um «aaaai», como se tivesse sido mordida ou beliscada. Aí a minha irmã Gina respondeu ao padre:

«Ela disse que sim...».

«Como?».

«Ela disse que sim, que se casa com o meu irmão...».

O padre, dirigindo-se a ela, já todo enervado:

«Disse que sim?».

Marília limitou-se a baixar os olhos, mas da sua boca não saiu um único murmúrio.

«Se disse que sim, então está dito», disse o padre, todo impaciente, dando por encerrados aqueles gélidos momentos.

«Assim sendo, já pode beijar a noiva», ao que eu me aproximei dela para seguir com o ritual do casamento. Contudo, a resposta da Marília foi dar-me a face, em vez dos lábios e nem sequer me deixou abraçá-la, e eu, sem perceber o porquê daquilo tudo.

No estado em que a Marília estava, e a pedido dos tios, nessa noite ela ficou a dormir na casa deles. Eu fui para a pensão onde, habitualmente, me alojava e onde o quarto havia sido ornamentado para a ocasião especial, com rosas, frutos secos, doces e espumante. Bebi sozinho meia garrafa, o que me ajudou a dormir, já que estava bastante entorpecido e cansado pelos episódios do dia.

De manhã cedo, arrumei as minhas trouxas no meu Bedford e fui buscá-la para seguirmos até à serração. Durante as oito horas que levámos na viagem, não trocámos uma única palavra.

# OS PRIMEIROS ANOS



Como já sabia do que o pai lhe havia tentado fazer, achei que deveria ter muita paciência para com a minha esposa, até ela estar preparada. Deixei-a dormir no outro canto da cama e, durante praticamente um mês, não a toquei, nem a forcei a nada.

Durante esse tempo, praticamente ela não saiu do quarto. Este era um quarto modesto, feito de madeira, numa casa aliás toda ela feita de madeira cortada na floresta e tratada ali mesmo na serração. Todas as casas eram feitas daquele modo, porque o local era um acampamento que tanto poderia durar dois, três ou mais anos; dependia da madeira que cortássemos na área demarcada da floresta, até deixar de a haver. Havia, já nessa altura, algumas políticas sobre o reflorestamento, mas não se levava muito a sério. O que era importante era cortarmos o maior número de madeira que pudéssemos, assim como fazem hoje os chineses, e fazer dela toros e ripas que eram posteriormente levados para o porto da Beira, e daí para Portugal e outros países da Europa, da América do Norte e, até mesmo, da Ásia.

Ela passava todo o tempo a ler as revistas que eu havia agrupado numa estante improvisada de madeira, suportada por tijolos. Nunca vira antes ninguém ler com tanta ansiedade. Algumas vezes, via-a em silêncio, sem olhar para as páginas, com os olhos perdidos, a pensar não sei em quê. Certa vez, surpreendi-a a chorar.

«Dói-te alguma coisa?».

«Não. Estou apenas com saudades dos meus tios», mentiu, enquanto limpava as lágrimas.

Suspirava muito, como só pessoas apaixonadas sabem fazê-lo. Eu ficava feliz, cada vez que isso acontecia, porque pensava que isso tivesse a ver comigo. Coitado de mim.

Numa noite, ela me surpreendeu. Cheguei à casa, logo após o anoitecer, e o candeeiro Petromax estava apagado. Seria da falta de petróleo? Quando me aproximei do candeeiro, senti um leve odor a perfume, que eu bem conhecia, porque havia sido eu mesmo a comprá-lo para a minha esposa. Ela me agarrou, beijou os meus lábios de uma forma tão ardente, como eu nunca havia sido beijado por alguém; peguei nela ao colo e levei-a para a nossa cama. Foi uma das minhas melhores noites de paixão da minha vida. Nove meses depois, nasceu a nossa primeira filha, a Lara.

\*\*\*\*\*

Durante os dois anos seguintes, Marília mostrou-se conformada com a vida nova que levava. Eu levantava-me cedo, aliás muito cedo, por volta das quatro horas da manhã, tomava um banho de água fria, fazia a barba junto à retrete no fundo do quintal; levava o meu café no termo e alguma coisa de comer numa pasta e ia para a serração. Quase sempre ia à casa à hora do almoço e ela me recebia parecendo feliz por me rever. Praticamente, ela pouco fazia porque a casa era pequena e tínhamos um mainato que fazia tudo, desde limpar e arrumar a cama, lavar e passar os lençóis e a restante roupa, preparar as refeições e o que fosse mais necessário.

Marília lia muito, como se quisesse aprender comigo naquele pouco tempo tudo o que não havia aprendido na sua anterior vida. Ela devorava os artigos publicados nas “Seleções”. Havia ainda por ler “O Conde de Monte Cristo”, “Dr. Jivago”, “Guerra e Paz”, “Ana Karenina”, entre tantos outros livros que eu ia comprando de um vendedor ambulante de uma distribuidora que, uma vez por ano, aparecia na serração, com uma carrinha cheia de enciclopédias e outros livros de capa dura.

Um dia, após o jantar, eu propus um novo jogo:

«O que achas de me contares cada história que lês nas “Seleções”? Não haveria de ser divertido?», desafiei-a.

«Acha? Eu não sei se sou capaz...», ela insistia, agora, em me tratar por você. Ao menos, tinha deixado aquele formal “Senhor Chevalier”.

«Vamos experimentar. O que leste hoje?».

«Tanta coisa. Mas deixe-me ver...Li sobre o rapto de um bebé em casa de um aviador importante...».

«...Lindberg! É esse o nome, não é? O piloto americano mais condecorado nos Estados Unidos da América. Uma história muito triste. Li umas duas ou três vezes. E o que é que achaste da história?».

«Confesso que chorei. Aquele bebé ainda nem tinha um ano e ser raptado assim, daquela maneira, na sua caminha, enquanto os pais dormiam noutra quarto; e como é que a babá não ouviu nada? Deve ter sido muito duro para eles, coitados! Imagino se tivesse sucedido comigo. Meus Deus!... Eu haveria de morrer de desgosto. Nem quero pensar!...».

Fiquei emocionado. Uma mãe muito ternurenta, preocupada com os filhos, assim pensei. Se ela se emocionou assim com o rapto de um bebé, isso mostrava que ela seria uma boa mãe dos meus filhos.

Passámos, assim, após o jantar, a ter algo com que conversar. Se fosse hoje, estaríamos a ver novelas ou filmes, mas naquela altura só havia rádio, revistas e livros para nos entreter. Mesmo a rádio era difícil de se captar na serração; só à noite, em ondas curtas, sobretudo noticiários estrangeiros, da BBC e da Voz da América. Poucas vezes conseguíamos captar música ou informação da Rádio Clube de Moçambique, em Lourenço Marques ou então da Rádio Pax, na Beira. Por vezes, calhava sintonizar, à noite, uma tal Rádio Moscovo, em língua portuguesa, que dava informação sobre uma tal «progressão, no terreno, das forças de libertação de Moçambique».

Um dia, ela perguntou: «Que forças é que estão a libertar Moçambique? Eu nunca ouvi falar nisso!».

«Não lighes, é um bando de terroristas que andam por aí a causar confusão lá para o norte, junto à fronteira. Entram à noite, matam pessoas, roubam comida e depois fogem. Acho que são mais ladrões que outra coisa. Mas já lá estão tropas nossas, vindas mesmo de Portugal, para acabar com essa confusão. Não é assunto para te preocupares...Nós aqui estamos bem». Mal eu imaginava o que aqueles «turras» – como eram tratados –, haveriam de fazer anos mais tarde e como a minha vida, aliás o país todo, haveria de mudar, por conta deles.

Um ano após o nascimento da Lara, tivemos o nosso primeiro rapaz, o Carlão. Ambos haviam nascido na

maternidade da Beira, já que no posto de saúde da serração não havia condições para partos.

Foi a partir do nascimento do Carlão que comecei a pensar se deveríamos continuar ou não na serração. Qualquer dia, os miúdos teriam de ir para a escola e ali não havia condições para tal. Foi quando decidi candidatar-me a um lugar para torneiro mecânico, na TZR (Trans Zambezián Railways), em Inhaminga, uma vila ferroviária que muitos anos depois seria destruída, em consequência de duas guerras consecutivas. A TZR era, na altura, a concessionária da linha férrea entre as cidades da Beira e Mutarara, em Tete, e entre Beira e Marromeu.

Foi um pouco antes de nascer o meu terceiro filho, o Leopoldo, que fui aceite na TZR, passando a produzir e reconstruir peças para as locomotivas e vagões da companhia, uma actividade a que me dediquei toda a minha vida restante, até à minha reforma, já em Lourenço Marques, que, entretanto, havia já mudado o nome para Maputo.





# REVIRAVOLTA



Já em Inhaminga, consegui arrendar uma casa, de sala e quarto, perto do hospital da vila. Para o começo, era bom. Pelo menos, já era um avanço, pois era uma casa convencional de cimento e com telhado, com casa de banho no interior e com banheira e sanita, com água canalizada, e não mais a casa de madeira e chapa de zinco, com latrina no fundo do quintal e baldes e canecas para nos lavarmos.

O meu ritmo semanal não diferia muito do da serração. Saía de manhã, já não às quatro horas, mas às seis horas, após se ouvir a sirene das oficinas gerais que acordava toda a vila, levando comigo, como sempre, o meu termo de café e a minha lancheira. Continuava a almoçar em casa, mas de início a nossa nova vida não foi nada fácil, pois não conseguimos arranjar na vila um mainato, pois o que tínhamos havia ficado na serração.

A Marília é que estava fula com os afazeres da casa. Passou ela a preparar as refeições, a limpar a casa, a lavar a roupa no tanque e a passá-la com um ferro à carvão; a tomar conta dos três miúdos, a Lara com quase três anos, o Carlão prestes a fazer dois e o Leopoldo recém-nascido. À noite, eu lhe ajudava até a lavar a louça e, aos fins-de-semana, até mesmo a passar a roupa e outros afazeres domésticos. Mas durante a semana eu tinha de sair cedo de casa e só voltava depois das 17 horas. Não podia prestar-lhe mais nenhuma ajuda.

Passou a ser uma mulher irritadiça e impaciente, até fugindo dos meus avanços nocturnos, pois estava sempre cansada. Eu até compreendia mas, para um homem, a mulher tem de ter paciência, porque há certas coisas que não podem ser adiadas, para sempre. «Teria ela medo de engravidar de novo?», cheguei eu a pensar. Mas não chegamos a ter uma conversa sobre este assunto, porque as coisas entre nós se precipitaram e de que maneira!...

Numa certa tarde, como eu me sentisse incomodado, tendo até algumas tonturas, não sabia se seria, ou não paludismo (hoje tem outro nome: malária), pedi ao chefe da minha secção nas oficinas gerais da TZR que me autorizasse a sair mais cedo, ao que ele anuiu.

Mas, ao chegar à casa, por volta das 16 horas, qual não foi o meu espanto, ao não só não encontrar a Marília em casa, como ver que a Lara e o Carlão tinham sido deixados, completamente sozinhos. O Leopoldo, criança de colo, estaria com ela, com certeza.

Sem saber o que se estava a passar, ainda esperei, com alguma paciência, pelas 17 horas, a hora em que a sirene das oficinas gerais tocava por toda a vila e ela saberia que eu estaria de volta. Mas, depois das 18 horas, estando já a escurecer, foi quando a vi entrar pela porta adentro, com o Leopoldo a chorar, com certeza de fome e eu já irritado, perguntei em voz alta, de um modo descontrolado:

«Onde estiveste até a esta hora?...Como foste capaz de deixar os miúdos sozinhos?...Mas que raio de mãe és tu?... Diz-me, onde é que andaste?...O que estiveste a fazer?».

Sem conseguir responder, porque as minhas perguntas não paravam, toda atrapalhada com a minha irritação, ao tentar pôr o miúdo no berço, Marília deixou tombar um livro e, dentro deste, caiu também um envelope.

«Mas que porcaria é esta?...Que livro é este?...Que envelope é este?...», enquanto eu continuava a perguntar, mesmo sem a deixar responder, apanhei do chão o envelope e abri-o de imediato. Fiquei petrificado e atónito ao ler o seu conteúdo:

*Meu amor.*

*Perdoa-me por usar este meio, de te enviar esta carta, dentro de um livro, que te será entregue pela tua prima, mas isto tudo é porque não consigo mais viver sem ti.*

*Já me passou pela cabeça o suicídio, por saber que, em vez de mim com quem serias feliz, estás aí com esse homem a quem não amas, a viver uma vida miserável.*

*Não te admires por eu saber tudo da tua vida, porque tenho amigos que vivem aí nessa terra perdida e me contam sobre a tua vida de desgraça.*

*Vem para mim, meu amor.*

*Larga essa vida triste.*

*Vamos viver juntos uma nova vida.*

*Vamos ser felizes.*

*Quero que sejas a minha RAINHA.*

*Teu Braganza,*

*que te ama acima da minha própria vida.*

Foi aí que o sangue toldou a minha cabeça e não me contive, dando-lhe uma violenta bofetada.

Já havia, antes, dado alguns tabefes e até mesmo algumas cintadas aos meus irmãos mais novos e até às minhas irmãs, no sentido de os educar mas, com a minha esposa, eu juro que nunca havia sido violento. Nunca havia levantado a voz e muito menos lhe havia batido. Mas a ausência dela nas circunstâncias em que cheguei à casa e o teor daquela carta, fizeram de mim um marido que havia perdido a cabeça. Raiva? Ciúmes? Não sei. Tudo junto, talvez.

Ao ler o conteúdo da carta, o meu coração parou, a minha respiração também e até mesmo a minha alma saiu, por instantes, do meu corpo, enquanto lia aquelas palavras de amor de um estranho, para com a minha própria esposa.

«Quem era este Braganza? Nunca ninguém me falou nele. Quando haviam se conhecido?», eram tantas as perguntas, mas as respostas não me seriam dadas naquele instante.

Saí de casa, sem rumo. Como se não bastasse, começou a chover copiosamente, molhando-me a água da chuva até ao âmagos dos meus ossos.

Terei deambulado pela vila, por horas intermináveis, com as roupas completamente molhadas. Quem me viu, achou que eu teria ficado demente, por andar naquelas condições, perante aquele temporal. Não sabiam eles que a dor que eu sentia era superior a qualquer chuva torrencial que se abatesse sobre o meu corpo? Poderia aguentar tudo, menos o desânimo que passei a ter, após ler aquelas palavras, não deixando a minha cabeça de perguntar: «Quem é esse Braganza?...Quem é? Maldito seja!».

A resposta tive-a alguns meses depois, fazendo então abrir uma cratera no meu coração que, só após a minha morte, se vai fechar.

\*\*\*\*\*

Três meses depois desta tragédia, certa noite, após o jantar, Marília perguntou-me se eu não me importaria que ela fosse à cidade da Beira para tratar dos dentes. Abriu a boca para mostrar a gengiva já vermelha e os dentes que precisavam de ser tratados. Eu respondi que não havia problema algum, tanto assim que já tínhamos um novo mainato que ajudava nas lides de casa e que poderia cozinhar na ausência dela.

«Quanto tempo achas que vais demorar?».

«Acho que uma semana, no máximo. Vou levar o Leopoldo, mas a Lara e o Carlão é que não os posso levar».

«Não há problemas. Eles se aguentam sem ti, por uma semana. Vai lá tratar dos teus dentes».

Era a primeira vez que ela me pedia algo, após a revelação da carta do tal Braganza. Durante todo este tempo não falamos sobre o assunto, porque ela se recusou a isso. Apenas se justificou que era uma paixoneta do tempo de escola em Tete e que, após esses anos todos, ele continuava a lhe escrever, de quando em vez, mas que não era uma coisa séria. Tanto assim que ela nunca respondeu às cartas. E nunca mais se falou sobre o assunto.

Dois dias depois comprei o bilhete de ida-e-volta, entre Inhaminga e Beira, levei-os à estação a uma hora da madrugada e dei um beijo ao meu filho mais novo e à minha esposa, logo após se ouvir o apito do factor, a dar sinal de andamento ao

comboio. Nunca imaginei que aquele seria o meu último beijo a quem eu havia jurado fidelidade por toda a vida e conforto nos bons e maus momentos, até que a morte nos separasse.

\*\*\*\*\*

Três dias depois da viagem, estava eu completamente aborrido em acabar de tornear uma peça para um vagão avariado, quando um auxiliar da oficina me dá um toque no ombro para me dizer que havia uma chamada telefónica urgente no gabinete do chefe.

«De quem é?», perguntei ansioso, mas de certa forma perturbado, porque não gostava que me ligassem, telefonicamente, quando estivesse a trabalhar.

«Não sei, só dizem que é do Dondo».

Dondo? Eu não tenho ninguém da família no Dondo. Deve ser da estação, alguma coisa a ver com alguma composição ferroviária...

«Emmanuel? Aqui fala a Dolores».

Dolores? A minha amiga de infância, com quem não falava há tantos anos. O que é que ela querará, para me ligar a essa hora?

«Desculpa Emmanuel, mas tens de ter coragem».

«Coragem? Para quê? Desembucha, ó mulher. O que é que se passa?».

«Tenho aqui comigo o teu filho Leopoldo. Podes vir cá amanhã? Aconteceram algumas coisas que só tu podes resolver...».

«Aconteceu alguma coisa ao bebé? Ele está bem? Foi com a Marília? Ela está doente?».

«Não é nada disso, Mas vem cá, que depois falamos», e desligou o telefone.

Ora bolas. O que lhes poderia ter acontecido? Se a Marília não está doente, o miúdo está bem, que raio lhes aconteceu? E o Leopoldo está com a Dolores. Mas porquê?

Consegui que me dispensassem por alguns dias, a serem descontados nas férias, e nessa mesma tarde apanhei a automotora, deixando-me no Dondo na mesma noite.

A Dolores admirou-se muito por eu ter chegado em tão pouco tempo, mas passou de imediato ao assunto, não sem antes me pedir para que eu me sentasse.

«Fala logo. O que é que se passa assim de tão grave?».

Foi quando ela me entregou uma carta, com estas breves palavras:

*Emmanuel, perdoa-me o que fiz, mas não aguento mais viver esta vida.*

*Deixo o Leopoldo nas tuas mãos, porque sei que és um bom pai e saberás cuidar muito bem deste bebé, assim como do Carlão e da Lara.*

*Não me procures mais.*

*Para ti estarei morta, a partir deste instante.*

*Vou tentar ser feliz.*

*Marília*

Nesse instante, a terra e o céu caíram sobre mim, e só me surgiu um nome à minha frente: Braganza!

Dolores trouxe-me um copo de água com açúcar, com o qual me acalmei. Mas dentro de mim o meu corpo fervilhava e ardia como brasa incandescente. A carta que havia encontrado dentro do livro e agora esta redigida para mim pela Marília punham-a «a estar morta». Isto só pode ser maldição.

Decidido a fazer o que tinha de fazer, pedi à Dolores que ficasse a tomar conta do miúdo, tendo-lhe deixado dinheiro para que comprasse leite e papas e saí, em passo de corrida, à procura de uma esquadra da Polícia.

«Emmanuel, vê o que vais fazer. Não faças nenhuma asneira, vê lá, tens os teus filhos para criar...», advertiu-me a Dolores, estava eu ainda a sair da casa dela.

«Gostaria de fazer uma participação do desaparecimento de uma pessoa».

«De quem se trata?», perguntou o oficial de piquete na esquadra.

«Da minha esposa...Enlouqueceu e fugiu de casa».

Nessa noite, dormi num quarto na casa da Dolores, agarrado ao miúdo que deve ter sentido a falta da mãe, habituado que estava ao aconchego dela.

No dia seguinte, fui até à cidade da Beira, a poucos quilómetros do Dondo, com o auto da Polícia e pus um anúncio no jornal “Notícias da Beira”, com uma foto dela, que eu, habitualmente, trazia na minha carteira:

*DESAPARECIDA*

*Pede-se a quem localizar uma senhora de raça mestiça, de nome Marília O'Connor Chevalier, de 21 anos de idade, casada, desaparecida de sua casa, em Inhaminga, com claros sinais de demência mental.*

*Da última vez que foi vista trazia um vestido de cor castanha e um lenço na cabeça, de cor creme.*

*Quem a localizar ou tiver informações sobre o seu paradeiro, favor contactar o Hospital Psiquiátrico da Beira, as autoridades policiais ou pelo telefone 1234, nas Oficinas Gerais da TZR, em Inhaminga, pedir para falar com o marido, Emmanuel Chevalier.*

Durante alguns dias ainda fiquei na Beira, esperançado em encontrá-la. Falei com pessoas conhecidas, incluindo familiares dela, mas ninguém me dizia nada de concreto. Só me aconselhavam «a ter calma». Como se pode ter calma, em circunstâncias como aquela?

Depois passei pelo Dondo e voltei de comboio para Inhaminga, levando no braço direito o meu filho Leopoldo, com seis meses de idade e, no esquerdo, uma sacola, com o biberão de leite ainda quente, papinhas, fraldas e o pó talco, preparados pela Dolores.

A minha vida tinha acabado de dar um grande trambolhão, cujas consequências iriam perdurar por várias dezenas de anos.

\*\*\*\*\*

Ao chegar à casa, de madrugada, encontro, surpreendentemente, as minhas duas irmãs, a Luísa e a Gina.

«O que é que vocês estão a fazer aqui?», perguntei, face a mais esta surpresa, mas elas, antes mesmo de me responderem, pegaram no bebé e na sacola, enquanto choravam, como se fosse algum enterro.

«Parem lá com isso! Quem vos deixou entrar em casa?».

«Foi o mainato...», respondeu a Gina, enquanto a Luísa, entre prantos, dizia:

«Mano, nem sabemos o que dizer...A Marília...».

«Calem-se! Nunca mais quero ouvir esse nome na minha casa e muito menos à frente de mim. Para mim, essa mulher está morta e enterrada!...Mas quem foi que vos disse?...».

«Recebemos um telefonema em Marromeu, da Dolores...»

Eu sabia que essa linguaruda não havia de aguentar, tinha que telefonar, a contar sobre o meu infortúnio.

«Quem sabe mais sobre isto?».

«Todos...».

«Como assim? A mãe também sabe? O pai...».

«Sim...», responderam as duas, baixinho.

«E aqui em casa, alguém veio perguntar por mim?».

«Vieram uns senhores, mas não sabemos os nomes deles. Disseram que eram da TZR, queriam saber como o mano estava...».

«Aqui também já sabem? Essa Dolores não tinha nada que ter contado».

«Acho que ela não ligou para ninguém aqui em Inhaminga. Devem ter visto o anúncio no jornal», disse a Luísa.

Ora bolas! O jornal “Notícias da Beira”. Eu nem me lembrava disso. A notícia tinha-se espalhado como rastilho de pólvora. As más notícias são as primeiras a ser lidas.

«Mano, nós quando soubemos, viemos logo para aqui para ajudar com os miúdos. Mandamos o mainato ficar em casa...».

«Fizeram bem. Obrigado às duas. Agora vão dormir».

«O Leopoldo não precisa de comer?».

«Deixem-no dormir. Ele já comeu no comboio. Ele já passou por muito. Está muito cansado...».

«Coitado dele...».

«Coitado?... Coitado coisa nenhuma. Aqui não há nenhum “coitado”. A vida é para ser seguida em frente, porque para trás mija a burra! Ouviram bem? Para trás mija a burra! Não se esqueçam disso. Vão lá dormir. Eu também vou fazer o mesmo. Amanhã falaremos melhor. Boa noite».

«Boa noite, mano», disseram elas para, de seguida, se deitarem sobre uma esteira na sala de visitas, que elas haviam comprado no mercado local. Entrei no meu quarto, deitei o bebé na caminha, fiz um afago ao Carlão e à Lara que dormiam como dois anjinhos e tentei descansar, o quanto pude. Foi por pouco tempo, porque daí a instantes o galo, na capoeira, por detrás da casa, pôs-se a cantar.

«Um dia destes, ainda mando cortar o pescoço a este maldito galo!».

\*\*\*\*\*

Meti férias para poder dar alguma orientação a esta minha nova situação de vida. Ainda bem que as minhas irmãs vieram me ajudar, pois, caso contrário, teria sido muito mais difícil. Arranjei um colchão, porque não fazia sentido elas continuarem a dormir sobre a esteira. A Lara é que me perguntou sobre a mãe e eu dei a desculpa de que ela estava na Beira a tratar dos dentes. Carlão, muito calado e que nunca foi muito apegado à mãe, brincava, como sempre, sem perguntar nada. Pobres crianças.

A Gina, uma das minhas irmãs mais novas, uma vez aproximou-se de mim, estava eu lá fora a olhar para as estrelas, para me dizer algo, mas depois parece ter perdido o ânimo e disse que ia ver se os miúdos estavam a dormir. Muito mais tarde é que me apercebi que ela queria revelar-me coisas sobre o tempo do meu namoro, sobre a escusa da Marília em dizer sim na cerimónia de casamento, fazendo com que fosse ela mesmo a dizer ao padre que a noiva havia dito «sim», o que afinal era pura mentira e coisas sobre o tal Braganza, que ela já me deveria ter revelado antes.

No dia em que contou tudo o que sabia, disse também que teve medo de fazê-lo antes, ao ver que eu estava cego de paixão pela minha noiva, acreditando ela que o casamento, com o tempo, haveria de compor o que estava errado. Também eu pensava assim, após o casamento e, como eu, muitas outras pessoas, inclusivamente os tios dela e outros familiares.

\*\*\*\*\*

Recebi um telegrama para eu me apresentar no Hospital Psiquiátrico da Beira, pois a Polícia havia localizado o paradeiro da Marília. Estava em casa de uma tia, de onde foi levada numa ambulância para fazer diversos testes psiquiátricos. Eu já havia ido aquela casa e me tinham dito que não sabiam nada dela. Se calhar estive a olhar para mim, pela janela, por detrás das cortinas, a pensar: «Que parvo!».

Encaminharam-me para uma sala onde dois médicos me aguardavam.

«Senhor Chevalier. Nestes últimos dias, temos feito observações à sua esposa para verificar até que ponto a sua alegada demência a havia levado a abandonar o lar e os filhos. Concluímos que, mentalmente, ela está sã».

«Como assim? Uma mulher foge de casa e não está louca?».

«Olhe, senhor Chevalier. Nós compreendemos o que o senhor está a passar, aliás não é o primeiro marido a quem este tipo de situação acontece. Mas, como médicos, só lhe podemos dizer que ela está consciente dos seus actos. O máximo que podemos fazer é aconselhá-lo a procurar um advogado para tratar do divórcio».

«Divórcio? Mas como, se nós nos casámos pela Igreja Católica?...O que Deus une, só Ele pode separar, não a justiça dos homens...».

«Senhor Chevalier. Temos outros casos para tratar. Se o senhor não tiver advogado, peça à nossa assistente nomes de

alguns, com quem costumamos trabalhar. Um deles irá, com certeza, apoiá-lo».

Saí daquela sala cabisbaixo, não sem antes ouvir – outra vez – a palavra «coitado». O sangue subiu-me, de novo, à cabeça, mas rapidamente me acalmei. Ainda corria o risco de ser eu a ficar internado.

\*\*\*\*\*

Dada a minha situação, pedi férias sem vencimento durante dois meses, tempo que achei suficiente para pôr a minha vida em ordem. Podia-me dar a esse luxo, porque havia poupado algum dinheiro durante o tempo que havia trabalhado na serração, onde praticamente não se gastava nada.

Comecei por ir a Marromeu, onde viviam os meus pais e consegui convencê-los a vir morarem comigo em Inhaminga. Daí a uns meses, o meu pai iria se reformar e teria de devolver a casa à Sena Sugar States, onde ele trabalhava na refinação de açúcar. Com eles viriam também viver comigo a minha irmã Luísa, dois filhos dela, já que era mãe solteira e os restantes meus irmãos mais novos.

De seguida, fui até à antiga serração falar com os meus antigos chefes para que eles me vendessem várias pranchas de madeira para eu poder construir uma casa grande, onde pudesse acolher a minha numerosa família que passaria a viver comigo, em Inhaminga. Conseguira um extenso terreno, a cerca de dois quilómetros da vila, por detrás do cemitério, próximo ao quartel da tropa e aí ergui uma casa de madeira, onde viveria nos 10 anos seguintes.

# A REVELAÇÃO



Com o apoio de um advogado, que conheci através de pessoas amigas e que se notabilizou, mais tarde, como político, o Dr. Máximo, dei andamento a todo o processo de divórcio, que ainda me levou um bom par de anos – devido ao facto de se ter de esperar pela anulação do casamento, por parte da Santa Sé – e a partir do qual tive conhecimento do que afinal se havia passado nas minhas costas, desde o meu tempo de namoro.

Afinal, não só minhas irmãs tinham conhecimento de tudo, como os tios dela e outras pessoas próximas. Acabei por, finalmente, entender o porquê de a paróquia se ter enchido de tanta gente, a maior parte da qual goeses. Até um rapto estava previsto, Santo Deus!

António Serrão, tio da Marília, foi uma das testemunhas a quem tive de recorrer, tendo-lhe pedido para escrever uma declaração, dando conta do que sabia.

Ele testemunhou, por escrito, em como a Marília passou a viver em casa do seu outro meio-irmão, Cremildo, em Tete, confirmando, na declaração – que entreguei ao Tribunal e também ao Arcebispado da Beira, que encaminhou ao Vaticano – que a sobrinha namorava, devidamente autorizada, comigo. Mais tarde, chegou ao seu conhecimento que ela também namorava, mas às escondidas, com um jovem goês, cantor e poeta, de nome Braganza, tendo, por isso, a

reprendido severamente por tal motivo, pois chegou mesmo a descobrir, em seu poder, correspondência trocada com ele, na qual Braganza lhe propunha um rapto na véspera do dia do casamento.

Mais tarde tomou conhecimento de que Marília, volvidos anos de casamento, abandonou o seu lar, vivendo já na companhia do já referido Braganza, na cidade da Beira, com o qual já tinha duas filhas.

E por falar das filhas da Marília com Braganza, lembro-me que, certa vez, estava eu a entrar nos Correios da Beira, levando comigo os meus três filhos, quando me cruzo com o tal Braganza, trazendo ele também as duas filhas. Olhámos, um para o outro e aí eu disse, para mim mesmo: «coitado deste gajo, não conseguiu fazer nenhum rapaz; indiano que é, vai ter de pagar bom dote para estas filhas se casarem. Bem feito!».

Cremildo, tio da Marília, deu também a mão à palmatória. Quase que chorou baba e ranho, a pedir-me desculpas, por não me ter contado nada sobre o Braganza e sobre o namoro escondido da sobrinha, de que ele tinha conhecimento. Pelos vistos todos sabiam, menos eu. A cegueira da minha paixão havia toldado os meus olhos e o meu discernimento e ninguém tinha tido a coragem de me contar.

Comprometeu-se a falar com pessoas amigas, algumas das quais haviam sido convidadas ao meu enlace, para darem o seu testemunho e ele mesmo escreveu uma declaração ao Tribunal, reconhecendo que havia obrigado a sobrinha a se casar comigo. Relatou ainda que:

«No dia do casamento, embora não se tivesse convidado ninguém para a cerimónia, devido ao recente falecimento da minha irmã Tôia, mesmo assim apareceram muitas pessoas na paróquia, sem que tivessem sido convidadas. Após o casamento, soube que muita gente tinha conhecimento de que a minha sobrinha iria dizer “NÃO”, o que não chegou a proferir. Anos depois, após saber que a minha sobrinha havia abandonado o lar, desloquei-me, propositadamente, à Beira para falar com a Marília sobre o que ela havia feito e falei também com o Braganza, a quem eu nem sequer conhecia. Braganza afirmou-me que, desde que a conheceu, sempre amara a minha sobrinha e que agora queria se casar com ela, após conseguir a anulação do casamento anterior pela Igreja Católica, visto ter-se casado com Chevalier contra a sua vontade. Presentemente tem duas filhas e sei que vivem felizes na Beira».

Matilde, madrinha de casamento da Marília, testemunhou também, perante o Tribunal, através de uma declaração que, ao ajudar a arrumar a mala da noiva, encontrou um volume de cartas provenientes de um antigo namorado, tendo-a aconselhado a se desfazer delas para evitar futuras consequências. Escreveu ainda:

«No dia do casamento, verifiquei que, durante a cerimónia, a noiva chorava e quando o pároco celebrante formulou as perguntas habituais, o noivo respondeu prontamente o “SIM” e a noiva só à terceira, ou quarta vez. Mesmo assim, se ela disse alguma coisa, eu própria não ouvi, apesar de estar ao lado dela. Após as assinaturas na sacristia, a noiva demonstrou certa frieza para com o marido, com quem acabava de se

casar, não se dignando sequer a abraçá-lo, apesar da minha insistência para que o fizesse. Após o abandono do lar e dos filhos, como madrinha, fui falar com a Marília para que voltasse à casa, que o marido a perdoaria. Ela respondeu-me, terminantemente, que nunca faria tal coisa, porque amava o Braganza, desde que o havia conhecido e que era com ele com quem queria refazer a vida».

Com estes elementos recolhidos e dados entrada no Tribunal, consegui a separação de pessoas e bens com a Marília. Mas o mais difícil foi o divórcio definitivo ao nível canónico. Mas, graças a Deus, quase dez anos após a separação, o Papa acabou, finalmente, por anular o nosso casamento religioso. Fui um dos raros casos ocorridos em Moçambique.

Durante todo aquele período de celibato eu não me juntei a mais ninguém, não me comprometi, tendo-me dedicado inteiramente aos meus filhos, ao meu trabalho e a apoiar toda a minha restante família que vivia comigo, desde os meus pais já velhos, as minhas irmãs, os meus irmãos mais novos, até aos meus sobrinhos. Na casa de madeira que eu havia construído, chegaram a viver, comigo, umas vinte pessoas. Foram momentos muito felizes da minha vida.



Quando me mudei para uma nova e linda casa de alvenaria, que eu mesmo construí com muito esforço e sacrifício, já na vila, o Leopoldo tinha 9 anos de idade, Carlão 10 anos e a Lara 11, mas a minha filha encontrava-se ausente, aos cuidados de um casal amigo, de princípios religiosos reconhecidos, que conheceu na Madalena, em Vila Nova de Gaia, em Portugal, por intermédio da minha irmã Roselle, que aí fora viver, onde constituiu família.



# VIAGEM A PORTUGAL



Se fosse nos dias de hoje – com o desenvolvimento urbanístico que teve durante o período colonial – Inhaminga seria, com certeza, considerada uma cidade e não apenas uma vila, como foi na época do seu apogeu, nos anos 70.

A linha férrea – que levava, diariamente, passageiros e carga entre a cidade da Beira e as vilas de Mutarara e Marromeu – é que dividia as duas áreas residenciais urbanizadas, de Inhaminga, nomeadamente a vila propriamente dita e o Bairro Ferroviário ou a TZR, como era normalmente chamado.

No Bairro Ferroviário viviam e trabalhavam os técnicos brancos (muzungos, na língua Sena) da TZR, num total de não mais de uns 1000 portugueses ali residentes. Os únicos negros que por lá andavam eram os empregados domésticos, os mainatos, os muanas (os rapazes encarregados das lides domésticas) e as macaiaias (miúdas que tomavam conta dos bebés dos patrões brancos).

Destacava-se, nesta zona, o Clube Ferroviário, com um campo de futebol, um jardim esplendoroso, uma sala de cinema que servia também como sala de bailes; havia também uma piscina, com as características de uma piscina olímpica, apenas frequentada pela elite branca, para além de um hospital apetrechado até com sala de cirurgia. Tenho até vergonha de dizer que, sendo eu um assimilado, isto é, equiparado aos brancos, os meus filhos mulatos nunca

chegaram a aprender a nadar naquela piscina, agarrando-se apenas aos cantos, de onde não se atreviam a ir até à parte funda. Coisas do sistema colonial, de segregação entre raças. Havia muito disso em Inhaminga. Só a partir da ascensão de Marcello Caetano no governo português é que alguns mulatos e negros foram “empurrados” a exercer alguns cargos de chefia pública na administração colonial. Eu, sem me aperceber das consequências disso, fui um dos que caíram nesta estratégia arditosamente preparada, tendo sido nomeado vereador do município e até mesmo presidente do clube da TZR, tendo eu mais tarde pago, com suor e lágrimas, o facto de ter sido um “comprometido”, conforme poderão notar mais adiante.

As suas oficinas gerais de reparação das máquinas e vagões chegaram a ser consideradas, na época, como as mais desenvolvidas de Moçambique. Era aqui onde eu trabalhava como torneiro-mecânico e que com o tempo atingi a categoria de primeiro oficial, um dos poucos mulatos que ombreavam com os técnicos portugueses, alguns dos quais meus chefes.

Na outra área, a da vila, por onde passavam (e ainda passam) camiões de grande tonelagem pela estrada que liga Beira, Tete e Marromeu, para além dos edifícios comerciais, onde pontificava um pequeno hotel, de nome Simões, com bombas de combustível, sala de cinema e restaurante, havia ainda a paróquia Nossa Senhora do Sameiro e, por detrás, a missão da paróquia, onde estudavam até à 4ª classe, ensinados por padres, os chamados indígenas, os negros; havia ainda, próximo à paróquia, a escola primária oficial, frequentada

apenas por filhos de brancos e assimilados. Foi aqui onde estudaram os meus filhos mais velhos – aqueles a quem eu gosto de chamar da “primeira fornada” (pois há ainda os da “segunda fornada”, como mais adiante se aperceberão).

Havia ainda a escola preparatória (hoje secundária), o edifício da administração, ao lado das torres de água, o jardim municipal, para além do cemitério e do quartel militar.

Hoje está praticamente tudo destruído em Inhaminga, com excepção do hospital, que foi reconstruído nos anos mais recentes para ser de nível distrital. A paróquia foi igualmente reerguida, mas a maior parte das casas da vila está hoje em ruínas, em grande parte devido aos bombardeamentos aéreos durante a chamada guerra dos 16 anos. Explicarei, mais adiante, de que maneira Inhaminga foi uma “terra queimada”, desde o tempo dos chamados “terroristas” (da FRELIMO), até mais tarde, quando foi acossada, igualmente, pelos chamados “bandidos armados” (da RENAMO).

Mas voltemos ao tempo colonial, quando eu lá vivia: em redor da vila existiam numerosas palhotas, onde viviam os trabalhadores (ajudantes e outros) da TZR e os serviçais domésticos negros, para além dos camponeses que se dedicavam à plantação do milho, amendoim, feijão, mexoeira, mandioca, batata-doce, entre outros produtos alimentares. Estimava-se que residissem, nessa época, em Inhaminga, mais de 45.000 indígenas.

Foi na zona da vila, bem perto da escola preparatória, onde construí a minha segunda casa, desta vez de alvenaria, com sala e três quartos, para além de uma garagem e

dependência, onde eu viveria uma outra vida, novamente casado, com mais quatro filhos, um dos quais aperfilhado, até nos mudarmos para a capital, Maputo, na sequência da minha prisão, em 1981, sem culpa formada, durante quase seis meses nas masmorras da segurança política do Governo (SNASP). Mas sobre isto, vou falar mais adiante.

\*\*\*\*\*

Tal como na administração pública portuguesa e noutras instituições coloniais, a TZR atribuía aos seus empregados vindos de Portugal férias graciosas por seis meses, de modo a que pudessem voltar às suas terras de origem, de cinco em cinco anos.

Mesmo sendo eu um natural de Caia, Sena, na província de Sofala, e nunca sequer ter posto os pés em Lisboa, beneficiei destas férias graciosas, por ser um mestiço assimilado, isto é, tal como já havia dito, tinha-me sido atribuído um nível equiparado ao dos brancos portugueses, após me ter sido dado um “certificado de assimilação” pela administração da altura. Para isso, como a minha mãe era negra, tive de fazer uma declaração em como “abdicava dos usos e costumes dos indígenas e que adoptaria a monogamia como prática de vida”. Nessa altura, era conferido aos assimilados o direito de serem tratados como portugueses, de registarem legalmente o nascimento dos filhos e de terem acesso aos tribunais judiciais e não aos dos nativos. Deixando de ser indígena, o assimilado ficava também livre de pagar o “imposto de palhota” e de ser recrutado para o trabalho forçado. Foi esta minha condição de assimilado que me permitiu, ainda mesmo no tempo

colonial, casar-me com uma portuguesa branca, com quem constituí família nos últimos quarenta anos da minha vida.

Mas tudo começou na sequência da minha primeira viagem a Portugal, na companhia dos meus três filhos; na altura, a Lara tinha sete anos de idade, o Carlão seis e o Leopoldo cinco.

Durante aquele período ficamos alojados em Vila Nova de Gaia, na casa de uma minha irmã, a Roselle, que havia se casado com um português, o Raul, que fora soldado em Inhaminga, quando ali cumpria o serviço militar obrigatório e a engravidara.

Na época, Vila Nova de Gaia era um lugarejo pouco desenvolvido, mas em cujas terras se localizavam (e ainda se localizam) as famosas caves do Vinho do Porto. Na verdade, a cidade do Porto e a Vila Nova de Gaia (hoje cidade de Gaia) são apenas separadas pelo extenso e largo rio Douro, mas ligadas, na época em que lá estive, pela ponte D. Luís e a ponte da Arrábida. Atravessei estas pontes, muitas vezes, de carro.

Nas primeiras semanas, foi um fascínio conhecer uma nova realidade social completamente diferente da de Moçambique, onde não havia negros em lado nenhum. Só encontrei um negro em Lisboa, um angolano, a trabalhar como empregado de mesa no hotel Mundial, onde eu e os miúdos ficámos alojados uma noite, por avaria do avião que nos traria de volta a Moçambique. Foi a primeira vez que vi, deslumbrante e iluminado, o Castelo de S. Jorge, a partir de uma janela do nosso quarto.

Nas várias localidades que fui conhecendo durante as minhas férias, era frequentemente abordado pelos brancos

que se aproximavam de mim, uns envergonhados e outros nem tanto, para pegar no meu cabelo encaracolado: «Parece lâ», diziam uns, estupefactos, «tão fofinho», diziam outros. Uns até perguntavam se «com sabão, a minha cor escura não ficava mais clara»...

Foi aí que comecei a entender que, contrariamente ao mito ensinado em África, de que os brancos eram, por natureza, “todos inteligentes”, havia muitos deles que eram mais burros que uma porta; conheci muitos que nem sequer sabiam ler nem escrever, sendo completamente analfabetos, tal como muitos indígenas da minha terra. Portugal era, nessa altura, um país tremendamente atrasado, maior parte do qual habitado por aqueles a quem, depreciativamente, chamávamos de «saloios de meia-tigela».

Aliás, contrariamente ao sítio de onde eu vinha, eram os brancos que faziam ali todo o tipo de trabalho, desde empregados de mesa até mesmo de limpeza das ruas. Para mim, era tudo uma grande novidade, porque na minha terra só os negros é que faziam os trabalhos mais duros e sujos.

Essa superioridade do branco em Moçambique era de tal ordem, no tempo colonial, que mesmo ao nível da minha ascensão profissional na TZR, não obstante eu ter chegado ao topo da carreira, o de 1º oficial, quem era chefe de secção era um branco, embora fosse apenas 3º oficial, porque eu, como mulato, mesmo sendo assimilado, não podia ser chefe, de acordo com a política da altura, pois o chefe tinha de ser, necessariamente, um natural da Metrópole, isto é, de Portugal continental. Daí que esta minha viagem a Portugal me abriu os olhos, passando a conhecer um mundo completamente

diferente e diminuindo alguns complexos de inferioridade com os quais eu havia crescido.

\*\*\*\*\*

Certa tarde, a minha irmã Roselle aproxima-se de mim e diz-me, assim de chofre: «Mano, eu gostaria de lhe apresentar uma pessoa amiga muito simpática, uma professora, daqui perto de Gaia, ainda não é casada, mas que o mano vai gostar muito de falar com ela».

Percebi logo que a minha irmã estava a fazer-se de casamenteira, pois para ela não fazia sentido que eu continuasse solteiro, tantos anos passados após a separação da Marília.

Conheci a Graça, uma trintona muito faladora, e, fazendo jus ao seu nome, era mesmo uma gracinha de pessoa. Bastante culta, devido à sua actividade de professora primária, cedo tivemos uma empatia um pelo outro, mas para mim não passaria de amizade, embora eu receasse que, para ela, pudesse ser algo mais. Foi a primeira branca que senti uma paixãozinha por mim. Confesso que me senti envaidecido por causa disso. Mas o destino me reservava outra surpresa.

«Emmanuel, já conhece o nosso Portugal profundo, quero dizer o Portugal interior, das gentes simples, das nossas tradições? Acho que isso seria bom para si. Teria uma visão bem mais alargada sobre os nossos usos e costumes, bem diferentes dos de lá de África. O que acha?», perguntou-me, enquanto se justificava: «É que eu vou entrar de férias e se quiser posso acompanhá-lo à Braga, tenho lá uns familiares a quem

eu não vejo há muitos anos e o Minho é uma região rica em tradições portuguesas. Poderemos passar por Guimarães, o berço da nossa nação, por Fafe, sei lá que mais...». Eu concordei de imediato.

Um vizinho da minha irmã ajudou-me a encontrar um carro em segunda mão e, para espanto de todos, escolhi um calhambeque, um carro fora de moda, mas que eu achei adequado, por estar em boas condições mecânicas para percorrermos Portugal de lés-a-lés, para além de que era barato; o carro nunca me decepcionou; apenas tive que mudar uma vez o pneu, fora disso, trabalhou lindamente bem. Quando se acabaram as férias, vendi-o a esse vizinho da minha irmã, o Vilaça.



Com os miúdos – eu nunca os largava, pois tinha uma frase predilecta que era: «ou vão todos, ou não vai ninguém» –, e desta vez, com a minha nova amiga Graça, lá nos

dirigimos a Braga, onde subimos a escadaria do Bom Jesus do Monte; vimos Braga por um canudo, entre tantos outros locais históricos e religiosos.

«Amanhã vamos a Fafe, uma localidade perto daqui. Não tenho certeza se iremos encontrar a minha prima, mas não há outra maneira para lá ir, a ver se lá está. Ali não há telefone, não há nada. Ela vive num lugar um pouco distante da vila, num sítio um pouco isolado, mas vamos aproveitar visitá-la. Assim, o Emmanuel vai conhecer uma outra realidade, a camponesa, a rural, pessoas que vivem da produção familiar extraída do campo, da batata, da uva, da pêra, da maçã e outras frutas e vão assim sobrevivendo, sem uma renda fixa. Vivem em casebres, sem água da rede, nem energia eléctrica. Aliás, a maior parte do país é assim mesmo! São pessoas muito simples, não se espante por causa disso, tá bem?», advertiu-me a Graça.

Por mim, não havia problema algum. Eu estava de férias mesmo e queria conhecer o Portugal profundo. A esta fase do campeonato já nada mais me espantaria. Assim pensava eu.

Após passarmos pela vila de Fafe, seguimos por um caminho de pedra, por mais alguns quilómetros – cruzámo-nos apenas com burros puxando carroças, com famílias aparentemente felizes que acenavam para o nosso carro, se calhar até aí nunca tinham visto nenhum automóvel - até que chegamos a um lugarejo que tinha um nome pouco comum: Lugar das Alminhas.

Graça não se lembrava muito bem da localização da casa da prima, mas com ajuda de alguns locais lá chegámos ao lugar, um casebre de pedra e colmo, parecendo as nossas

palhotas, mas com bastante verde à volta, com uvas, laranjeiras e outras árvores de fruta. «Oh da casa!...», gritou a Graça, fazendo-se anunciar. De dentro da casota saiu um rapaz, de uns três ou quatro anitos, para ver quem estava a chamar. Ao ver, pela primeira vez, um homem alto e escuro à sua frente, apesar de bem vestido, de fato e gravata, se assustou e correu de novo para dentro de casa.

Foi quando apareceu, à minha frente, alguém que novamente viria a marcar a minha vida, daí em diante. Foi como se fosse uma aparição. Que Deus me perdoe, mas não sei se os três pastorinhos, a quem a Nossa Senhora apareceu em Fátima, tiveram um baque no coração tão forte como eu. Por pouco não desmaiei de tanta emoção.

À minha frente, estava uma mulher, pobrememente vestida, com um avental sobre a saia larga, calçada com uns tamancos de madeira, de cabelos alourados e soltos que, ao se aproximar para nos receber, pude ver de perto os seus olhos verdes e ofuscantes. Parecia coisa do outro mundo. Nunca tinha visto mulher tão linda em toda a minha vida. Parecia saída de uma tela de cinema, daqueles filmes italianos que víamos no clube de Inhaminga, nas matineés da tarde.

«Prima, que *xurpresa!*», disse ela, com aquele sotaque típico nortenho.

«Desculpa vir sem avisar. Trago aqui uns amigos de África que fizeram questão de vir até cá para te conhecer a ti e ao teu filho».

«Emmanuel, apresento-te aqui a minha prima, a Maria da Conceição».

«Encantado», só consegui responder desta maneira. Com a minha atrapalhão, acho que estava a traduzir do francês «enchanté», uma língua que eu também conhecia, embora usasse pouco, em virtude de o meu pai ser natural das Ilhas Maurícias e ser descendente de franceses. Se ela respondeu algo, eu não posso garantir. Não conseguia tirar os olhos daquela cara bonita que me enfeitiçou logo à primeira vista. Não sei se a Graça se terá apercebido do encanto que a prima havia despertado em mim, mas se foi isso que aconteceu, ela teve a delicadeza de não me dizer.

Devido ao meu nervosismo, a minha gaguez se acentuou e sei que falei pouco. Pensava que a havia conseguido controlar, depois que comecei a fazer parte do coro na paróquia de Inhaminga, onde todos os domingos cantávamos os louvores a Deus, mas afinal não. A gaguez foi mais forte do que eu. Devo ter feito figura de parvo, porque, contrariamente ao habitual, fui pouco conversador, parecendo ser uma pessoa tímida. Posso ter até causado má impressão à rapariga que acabava de conhecer, mas se foi isso que aconteceu pela primeira vez, da segunda vez que lá fui, poucas semanas depois, mas já sem a minha cicerone, e consegui dar a volta por cima, pedindo-a, inclusivamente, em casamento.

\*\*\*\*\*

«Mas *boxemexê* está m'a pedir em casamento? Eu mal o *conhexo...*», aqui tinham a mania de me tratar por «bocê», devido a esta troca dos «vês» pelo «bês», no norte de Portugal, principalmente em redor do Porto.

«Oh Conceição. Eu mal te vi, foi como se te tivesse conhecido a vida toda. Enfeitiçaste-me logo...».

«Mas e a minha prima *Graxa* não é a namorada de *boxemexê*?».

«Não senhora! Donde é que tiraste essa ideia? Eu apenas a conheci em Vila Nova de Gaia e ela se ofereceu para me acompanhar nesta primeira viagem à Braga e depois até aqui à zona de Fafe...».

«Oh parecia que *xim*. Ela não tirava os olhos de *boxemexê*».

«Fica descansada, entre nós só há uma pura e verdadeira amizade».

Ela não sabia e eu nem lhe disse nunca, mas Graça havia-me questionado sobre as minhas reais intenções a seu respeito. Eu fui muito franco e lhe disse que gostava dela, mas como amiga, uma resposta que não lhe agradou nada, de tal modo que nunca mais me procurou, nem respondeu às minhas chamadas telefónicas para a casa dela. Passaram a dizer-me que ela havia saído.

Mas, após ter conhecido a prima, nada mais me interessava. Daí que, duas semanas depois, de novo com os miúdos no carro, voltei ao Lugar das Alminhas, desta vez sem a Graça e sem nenhum GPS como agora acontece com todo o mundo que viaja. Valeram-me a boa memória que tinha nessa altura e o entusiasmo do reencontro.

Só que me baralhei no caminho e, desta vez, cheguei quase ao fim do dia, pois já começava a escurecer. Como não dava para voltar à estrada, pois daí a pouco seria noite

escura, a Maria da Conceição não teve outra opção, senão aquiescer ao meu pedido para pernoitar naquela casa.



«*Xabe*, eu sou uma *moxa* direita e as pessoas vão falar amanhã, por causa de eu *rexeber boxemexê* aqui na minha casa. Mas eu tenho *rexeio* pelas crianças, pois, caso contrário, vão ter de dormir no carro e *ixo* não é nada bom, elas até podem ficar doentes. Mas olhe, vão ter de dormir aqui na *xala*, porque eu *xó* tenho um quarto, onde durmo eu, o meu filho e a minha *mãexinha*».

«Tua mãe está cá?! Da outra vez não a vi, nem ninguém me falou sobre ela...».

«Ela é uma *pexoa* muito doente e há duas *xemanas* estava no hospital de Braga. O meu irmão é que a levou, mas ela mora aqui com a *xente*».

«Por mim, tudo bem», respondi eu, sem me importar com mais nada.

Ela pôs mais umas batatas ao lume, juntou à panela qualquer coisa que me pareceu ser toucinho, e depois umas verduras, mas saiu daí uma excelente sopa, com a qual jantamos todos e depois fomos descansar sobre o soalho meio frio, mas aconchegante, com o calor que se fazia sentir com a lareira acesa. Era Primavera em Portugal, a despontar já para o tempo quente do Verão.

De manhã, quando me levantei à procura de um sítio para aliviar as águas, já que dentro da casa não havia casa de banho, vi-a, com uma pequena enxada na mão, agachada na horta, a apanhar couves, com certeza para o almoço.

Será que não havia leite nem pão para o matabicho? Foi pensando em como comer nessa manhã que ela me viu e se virou para mim, com um largo sorriso:

«*Boxemexê* já acordou? É muito madrugador, não é? E os meninos ainda estão a dormir? Com *xerteza*, vão acordar com fominha. Olhe, não *xe* preocupe, o Adão *bem* já daí, ele foi ordenhar leite nas *bacas*».

Adão? Quem seria? Um vizinho? Algum namorado? Mas não. Daí a pouco apareceu o tal rapazito de uns três anitos, com um recipiente metálico, cheio de leite, à cabeça; era o Adão, o filho dela. Eu nem havia perguntado o nome do miúdo, tal era a minha total atenção para com a mãe.

Leite fervido numa panela, mesmo sem açúcar, com café de saco, e pão feito em casa, lá comemos o pequeno-almoço com bastante apetite. Durante o resto do dia ela se encafou na cozinha, um pequeno espaço por detrás da casa, e eu fui até à vila para ajudar na despensa, comprando

alguns víveres para juntar às batatas, maçãs, pêras e pouco mais que ela tinha em casa. Trouxe arroz, massa esparguete, açúcar, sal e outros mantimentos que eu sabia que haviam de fazer falta.

Foi já à tarde, de regresso, que eu pedi para falar com ela, afastando-a da casa, para não ser interrompido por nenhum dos miúdos e lhe fiz o pedido, ao que ela me respondeu, do seguinte modo:

«Mas *boxemexê* está m'a pedir em casamento? Eu mal o *conhexo...*».

Tive de lhe dizer que estava a responder ao apelo do meu coração e que não poderia voltar para Moçambique sem ouvir um «SIM» da boca dela. O silêncio da Marília na igreja ainda ecoava na minha triste memória.

«Mas lá em África não andam a matar *pexoas*? Há uns rapazes daqui que foram para Angola e morreram lá. Eu conhexi-os, *xão* filhos de uns *bizinhos* da outra *freguexia* aqui perto...».

«Não é bem assim. Onde há guerra, é muito longe...».

Mudei de assunto:

«A Graça já te falou a meu respeito, sobre o que faço?; a minha vida é muito tranquila, só que me falta uma esposa para cuidar de mim e dos meus filhos...».

«Mas e o meu Adão fica *atão* com quem?».

«Como assim? Vais levá-lo contigo. Irei aperfilhá-lo, será mais um filho meu».

Senti que ela ficou comovida, pois enxugou os olhos com o avental que trazia no regaço. Nunca alguém se havia proposto a ela, daquela maneira, a ponto de aperfilhar o filho, até aí registado com pai incógnito. O pai biológico dele a havia enganado, prometendo que voltaria para Portugal, para se casar com ela, logo que acabasse a tropa em Angola. Por lá ficou, casou-se com a filha de um comerciante português lá fixado e abriu ele, juntamente com a esposa, um pequeno negócio. Nunca mais quis saber nem da Maria da Conceição e muito menos do filho.

Após pousar o avental, já bastante encardido, olhando para mim com aqueles olhos verdes, hipnotizantes, ela disse:

«*Axeito xim casar-me com boxemexê*».

Não me contive, peguei-lhe no rosto e estampeei naqueles lábios um beijo de um homem apaixonado.

Refeita da surpresa, disse-me logo de seguida: «Mas há uma *condição*. Eu não *poxo* ir para África agora, que tenho a minha mãe doente». Ela queria dizer que teria de esperar até que a mãe fechasse os olhos, já que estava nas últimas.

«Não há problema. Iremos nos corresponder, através de cartas. Vamos combinar tudo, para a vossa viagem, tua e do Adão».

Isso me daria tempo para eu fechar o assunto do divórcio canónico que estava a demorar bastante. Logo que eu regressasse iria de novo procurar o arcebispo e fazer pressão para que o Vaticano anulasse, definitivamente, o enlace com a Marília. Agora o motivo era bastante forte e motivador.

\*\*\*\*\*

Durante esse período de férias, ainda em Portugal, os miúdos iniciaram o ano lectivo na escola primária da Madalena. A Lara, na segunda classe e o Carlão na primeira. Solicitei uma autorização especial para que o Leopoldo, na falta da pré-primária naquela escola, pudesse acompanhar o irmão, para não ficar sozinho em casa, o que foi aceite.

Inicialmente, os miúdos pareciam estar completamente desorientados e atemorizados por irem para uma escola onde eles eram os únicos pretos, como lá os chamavam. Logo no primeiro dia, nos intervalos entre as aulas, eles foram o centro das atenções, ficando no meio de uma roda constituída por colegas mais velhos, essencialmente, muito curiosos com a pele deles que a achavam estar “suja”.

Não resistiram a despentear os meus filhos, tal era a curiosidade em afagar o seu cabelo, para descobrir se era verdadeira aquela “lã”. Claro que eu, preocupado e ansioso e já prevendo algo do género, fiquei observando de longe, não fosse serem vítimas de alguma violência, o que, felizmente, não aconteceu. Afinal não passavam de crianças, apenas espantadas com uma nova tonalidade da pele, com quem nunca se tinham deparado.

Daí a uns dias, para corrigir parte da curiosidade dessas crianças, logo após as aulas, decidi cortar o cabelo aos rapazes, porque os meus filhos não eram, afinal, animais de circo. Com a Lara já foi diferente, pois não era necessário, porque ela já tinha experiência escolar, já frequentara a primeira classe e também ficava na ala das meninas, geralmente

mais calmas. Ela ia à escola com a Anabela, filha de um casal amigo.

Mas, felizmente, ao longo dos dias, essa experiência deixou de ser novidade. Os miúdos, depois de se integrarem, todos os dias vinham com novidades sobre as matérias aprendidas na escola, novas amizades, hábitos que desconheciam, jogos e brincadeiras que nunca tinham ouvido falar sequer.

Perante os hábitos de higiene naquela zona ribeirinha e, principalmente, porque já tínhamos entrado no Outono, talvez movido pela vaidade, ocorreu-me experimentar uma coisa que deixou perplexos os colegas dos meus filhos, marcando alguns pontos a seu favor e que deliciaram a pequenada.

Em África, temos o velho e bom hábito de nos banharmos diariamente e, por vezes, mais do que uma vez, quando as circunstâncias assim o obrigam, mesmo que fosse com água de tambor. Já em Vila Nova de Gaia, na zona onde nos encontrávamos, não havia água canalizada nas casas. Aliás, até para as necessidades básicas tínhamos de nos deslocar para latrinas que ficavam no exterior, munidos de baldes que tirávamos num fontanário bem próximo.

Para banharmos, que não fosse passar por uma toalha húmida pelo corpo – o que acontecia na maior parte dos dias –, tínhamos de nos deslocar aos balneários públicos, numa das margens do rio Douro. Por uma módica quantia podíamos passar o tempo que quiséssemos banhando no referido balneário, que tinha água quente que jorrava sem parar, proveniente de caldeiras a vapor.

Então, acontecia que, embora fóssemos aos balneários ao fim do dia, porque estava frio, resolvi levar os miúdos à hora do lanche, que era um período mais longo. Aparecia no momento do sino e, de forma ostensiva, chamava os petizes. Lá iam os miúdos. Claro que a criançada na escola ficava intrigada e fartava-se de perguntar aos miúdos onde é que afinal iam os miúdos àquela hora. Depois de descobrirem, assombrados e incrédulos, que os pretinhos iam duas vezes por semana tomar banho, coisa que a maioria provavelmente nunca fizera, sempre que eu chegava começava a gritaria: “Vão, que já está na hora do banho, seus pretinhos!”. Mas chegou a um ponto que até isso deixou também de ser novidade.

E era assim que decorriam os dias de férias, com muitas visitas por várias cidades, pois sobrava tempo e a minha curiosidade era tal que não resistia a pesquisar esse Portugal que era fascinante para mim, de tão diferente que era em relação a Moçambique. Na verdade, aproveitámos bastante bem as férias, passeámos e visitámos tudo o que era de interesse e novo para nós. Até o Portugal dos Pequeninos, em Coimbra, não escapou do nosso itinerário.

\*\*\*\*\*

Infelizmente, tudo que é bom tem, necessariamente, um fim, normalmente mais cedo do que gostaríamos. Ainda não havia esgotado os meus seis meses de “graciosas” quando recebo uma carta vinda “das colónias”, como designavam na altura a nossa terra. A carta informava que o meu pai havia sofrido um derrame, uma trombose que lhe derrubara aos 65 anos de idade, deixando-o praticamente sem mobilidade e

sem conseguir falar. Portanto, estava inválido, como se dizia na carta, termo que me assustou por demais. O meu pai, Marcel Chevalier, era uma figura realmente pitoresca, ocupado somente consigo mesmo e as suas necessidades pessoais. Na sua época, ele fora um “bon vivant”. Agora, já estava reformado havia muito tempo.

Ele era originário das Ilhas Maurícias, descendente de franceses. Segundo ele contava, existiam naquele arquipélago, essencialmente, três comunidades: as duas maiores eram de hindus e muçulmanos e a terceira, na altura, a dominante, embora em minoria, era a dos franceses. Aliás, Maurícias, no Oceano Índico, próximo de Madagáscar, era uma colônia francesa, à semelhança de Moçambique, que era portuguesa.

O meu pai, jovem garboso e em idade de casar, e já comprometido com uma noiva na capital, Port Louis, de classe um pouco mais abastada que a dele, resolveu, por insistência da família que deveria emigrar para Moçambique, a fim de ganhar um pouco mais do que o salário que auferia. A ilha era pequena demais para o número cada vez mais crescente de plantadores de cana-de-acúcar, essencialmente constituído por hindus. Os outros emigrantes, oriundos do Paquistão e da China, estavam mais vocacionados ao comércio, embora também trabalhassem por vezes nas plantações.

E foi assim que, a bordo de um navio mercantil, se fez a Moçambique, para onde já tinham rumado muitos outros seus conterrâneos.

Inicialmente, teve emprego na construção da ponte sobre o rio Zambeze, a ponte D. Ana, que até aí era atravessado por batelões e almadias. Era uma verdadeira aventura, porque

embora falasse francês e “patoi” (lê-se patuá, uma mescla de francês e hindu das Maurícias, uma espécie de crioulo), tinha também conhecimento de inglês. Mas vivia meio arrumado, dentre outros seus colegas, em acampamentos muito mal organizados, onde mal tinham tempo para dormir, de tão intenso, exigente e perigoso que era o trabalho. Os beliches, feitos de lona sobre paus improvisados, somente serviam para dormir, de tão esgotados que estavam. Uma vez, de quinze em quinze dias, era-lhes permitido confraternizar com as populações locais, os indígenas que apenas falavam a língua local, o *xisena*.



Depois de alguns meses em Sena viu numa das margens do rio Zambeze uma bela donzela, altiva, e que, pela sua compleição, se destacava das demais. A zona era das mais calmas e onde as pessoas acorriam para se banharem e lavarem as suas roupas, porque estava mais resguardada dos crocodilos que infestavam praticamente o rio. Aliás, eram justamente os crocodilos que, depois dos acidentes na construção, eram os responsáveis pelo alto índice de mortes na zona.

A moça garbosa, que ele soube mais tarde chamar-se Aninhas, era irmã de um dos serventes do acampamento, de nome João. Foi o convívio e a relação profissional entre os dois que permitiu, mais tarde, a relação do meu pai com a Aninhas, a qual acabou por gerar 12 filhos, de entre os quais eu, que fui o segundo.

A certa altura, o meu pai, que entretanto trocara o acampamento por uma palhota onde alojara a minha mãe, a sua Aninhas, resolveu rumar para as Maurícias, para informar a família e desfazer o compromisso com a noiva.



Foi uma ausência de vários meses, tinha eu na altura, e segundo a minha mãe, dois anos. Soube, mais tarde, que a viagem e as conversas por lá foram muito penosas para o meu pai. A consequência foi de tal ordem que nunca mais lá voltou para rever a família. Mas mantinha contacto pelos conterrâneos. Entretanto, foram nascendo outros meus irmãos. A vida na altura, e sendo a minha mãe negra, não

era nada fácil e, por falta de condições adequadas e cuidados básicos pré-natais, vários irmãos meus morreram.

Foi em Vila Fontes, na missão dos padres, onde comecei a estudar, por insistência do meu pai. Para tal, tinha de me deslocar a pé, mais de 10 quilómetros, acompanhado por um dos meus tios mais novos. Ele ficava depois, invariavelmente, no pátio da escola, a esperar por mim e com a refeição que consumiríamos depois, antes de regressar a casa. Lembrome que, por vezes, eu lhe ensinava algumas palavras em português e aritmética que ia aprendendo nas aulas. Tal como este meu tio, os negros não tinham oportunidade de estudar nas escolas. Quanto mais ignorantes fossem, melhor era para o colono.

Entretanto, e depois de alguns anos, mudámo-nos para Luabo, já na Zambézia, onde o meu pai foi trabalhar na fábrica de açúcar. A nossa vida girava entre Luabo, Chinde e Marromeu, onde também havia outra fábrica de açúcar, da “Sena Sugar States”, onde o meu pai também trabalhou.

Neste entretanto fui aprendendo mecânica, com os amigos do meu pai. Aqueles ensinamentos tornar-se-iam muito úteis para mim, porque viriam a ser a minha profissão.

Embora fosse apenas três anos mais velho que a minha segunda irmã, a Luísa, todos os meus sete irmãos me olhavam e se me dirigiam como se eu fosse o verdadeiro pai deles, isto porque eu assumira, desde muito cedo, a educação e sustento dos meus irmãos mais novos. Eles praticamente estavam à minha responsabilidade, em todos os sentidos. Nunca se permitiram tratar-me por tu. Quando falavam comigo, ou

se me dirigiam, era sempre na terceira pessoa, “o mano”. Eu crescera decididamente antes do tempo e parecia, talvez, na perspectiva deles, como uma pessoa muito distante.

Portanto, perante este cenário, eu soube logo, após receber a carta, o que esperavam de mim e quais eram verdadeiramente as minhas obrigações imediatas: o retorno à África, o mais breve possível. Por isso, impunha-se que arrumasse rapidamente todos os assuntos pendentes e voltasse para resolver as coisas por lá, quero dizer, por cá.

Naturalmente que a despedida nestas condições foi difícil para todos. Ter de romper com uma rotina já estabelecida não era fácil para os meus filhos que já se tinham acostumado com a vida em Madalena. Felizmente, era o momento das férias escolares, eu teria simplesmente de garantir a transferência do Carlão para a escola de Inhaminga. Já tinha tomado a decisão, como me referi, anteriormente, de que a Lara ficaria com a família Vilaça, com quem já se tinha afeiçoado. Para o Leopoldo, seria apenas o começo da vida escolar.

Por isso, foi o retornar à terra, ao convívio familiar, às velhas lides, ao serviço que já conhecia muito bem.

Após o meu regresso, fui acompanhando e reconfortando o meu pai que tinha ficado paralisado, na sequência do AVC. Infelizmente, faleceu algum tempo depois, sem nos podermos comunicar verbalmente, porque entretanto já não conseguia articular palavra alguma. Com muita mágoa e tristeza, eu assistia ao definhar desse homem que deixara a sua terra longínqua, constituíra família com alguém que, aos olhos de muita gente, era reprovável pela sua raça, mas mesmo assim assumira os seus deveres e compromissos de pai e marido.

Era diferente de muitos conterrâneos seus, que por cá fizeram filhos, mas que depois retornavam à sua terra, finda a sua missão, deixando para trás as suas responsabilidades.

Mas o meu pai, não. Optou por esta terra, assumiu a sua Aninhas e os filhos e, num dia muito triste, acabou por partir, penso que em paz e rodeado pela sua prole.



Entretanto, e tal como combinado, tratei depois de organizar as condições para a vinda da minha Conceição, a tal mulher que muito me encantara em Portugal. Mesmo à distância, a expectativa era demasiado grande e já me estava a organizar para mudarmos, eu e meus filhos, para a casa de alvenaria que havia construído na vila.

\*\*\*\*\*

Três anos depois chegava, finalmente, à cidade da Beira, a minha nova esposa, Maria da Conceição Chevalier, vinda de Portugal, trazendo consigo o Adão, a quem eu vim aperfilhar. O nosso casamento havia sido formalizado por procuração, eu cá e ela lá. Para isso, quem me representou na

conservatória de Fafe foi um seu irmão e, por cá, a minha irmã, a Luísa, fez o mesmo.

Eu e os miúdos fomos buscá-los ao aeroporto da Beira, num carocha VW de cor laranja, alugado; fiquei a saber mais tarde que ela se iludira com o carro, pensando que fosse meu. Eu não lhe havia dito que, em Inhaminga, eu me deslocava, entre a casa e as oficinas gerais, de bicicleta. Muitas outras coisas ela haveria ainda de descobrir.

Fomos directos para a pensão Alfacinha descansar um pouco e, à noite, pelas 20 horas, apanhámos na estação da Beira o comboio da TZR que levaria estes novos membros da minha família, pela primeira vez, à nossa nova casa.

Eram duas da manhã, quando abrimos o portão da casa que haveria de acolher esta minha nova família por 10 anos, em Inhaminga. Quem nos veio dar as boas-vindas foi o meu cão Rex, ao vir lambe os sapatos da Conceição e do filho.

Os miúdos pareciam estar excitados com a nova mãe, chegada de Portugal, sobretudo o mais novo, o Leopoldo, um miúdo que sempre se revelou muito carente. Já o Carlão não se iludia facilmente, tinha já nessa altura as suas próprias opiniões formadas. A Lara não estava connosco, pois a havia deixado em Vila Nova de Gaia, com uma família que eu achava que lhe daria uma esmerada educação, como me referi anteriormente. Afeiçoou-se tanto a eles que já os chamava de pai, mãe e irmã à filha do casal com quem ela viveu durante cinco anos.

A princípio foi a grande novidade de Inhaminga – e motivo de falatório nas primeiras semanas – ver o novo casal

“Robbialac”, multicolor, a passear pela vila de mãos dadas, irem à paróquia juntos ao domingo, aliás toda a família, o pai escuro, a mãe branca, dois filhos mulatos e um filho branco. Não era de admirar que assim fosse, sobretudo numa pequena terra onde a comunidade branca se conhecia e o cruzamento de raças era quase que um pecado.

Por causa disso, fui chamado ao gabinete do administrador da vila para me explicar sobre o meu casamento:

«Senhor Chevalier, folgo muito em saber que o senhor se casou novamente e, desta vez, com uma minha conterrânea de Portugal», disse ele, de início, mas não deixando de me dar algumas recomendações, sobre o que significava estar casado com uma portuguesa de gema:

«Sabe, senhor Chevalier, as mulheres portuguesas são muito diferentes das de cá; as mulheres locais, quer sejam pretas e até mesmo mulatas, o senhor sabe muito bem disso, são mais simples, contentam-se com pouco; agora, as portuguesas já não, elas estão habituadas a outro tipo de comodidades, a uma alimentação adequada, rica em proteínas, aliás o senhor esteve há pouco tempo na Metrópole e conheceu a realidade da nossa terra. Entende o que quero dizer, não é verdade?».

Eu lhe disse que sim, que ficasse descansado e que não havia motivos para preocupações a respeito do modo como eu trataria a minha esposa branca e o meu novo filho; não lhe disse que aquilo que ele estava para aí a contar era uma grande treta, porque o que vi em Portugal não era nada aquilo que ele me queria vender, pois afinal eu havia conhecido o Portugal profundo, o do esterco na horta, da gente que

não tomava banho, que cuspia para o chão, a torto e direito, e praguejava «bardamerda» sem pedir com licença. Mas achei que não valeria a pena estar a trocar este tipo de impressões com o administrador da vila. Ficou o recado dado.

Umhas semanas depois de a Conceição ter chegado a Inhaminga ela precisou de ir ao hospital, tendo ela contado que, enquanto estava na sala de espera, uma senhora, ao seu lado, perguntou-lhe, em voz baixa:

«Desculpe, é a senhora que acabou de chegar de Portugal há pouco tempo, não é?».

«Sim, cheguei sim...».

«Olhe, desculpe-me eu perguntar. Como é que consegue dormir com um homem tão escuro? A senhora não se suja?».

«É meu marido e eu sou feliz com ele», foi, segundo a Conceição, a resposta que deu à intrometida senhora. Esta levantou-se, e de imediato foi sentar-se num lugar mais afastado, sem dizer mais nada. Eu sosseguei-a, em casa, de que ela deveria habituar-se a este tipo de comentários, porque as pessoas não estavam habituadas ao relacionamento entre raças diferentes. Ali em Inhaminga, tal como noutras zonas de Moçambique, «branco casa-se com branca, preto com preta».

«Mas e os mulatos como nascem então?», foi a pergunta óbvia dela.

«Os mulatos nascem de relações fora do casamento, entre brancos e pretas, mas os filhos não costumam ser reconhecidos; a maior parte, aliás, são registados como filhos de pais incógnitos; mas há excepções, como o meu pai, um

branco das Maurícias, que viveu com a minha mãe preta, natural de Caia; ele assumiu a relação, embora nunca se tivessem casado na Conservatória, aliás isso não era permitido; como os meus pais há muitos que, não obstante viverem anos e anos juntos e terem filhos, continuam solteiros no seu estado civil».

«Mas tu és quase um preto... Como é que conseguiste casar comigo?».

«Acho que já te disse que eu sou equiparado a um branco, sou assimilado; assinei documentos nesse sentido e, até mesmo, me comprometi a me casar com uma única esposa».

«Ai é...? Se não tivesses assinado os tais papéis ias-te casar com outra, era isso? Han!... Era só o que me faltava. Experimenta lá, que vais ver com que massa de farinha fazemos o pão lá em Fafe, ahahah», riu-se ela, mas com um olhar ameaçador.

Nos anos em que nos correspondemos, estava ela ainda em Fafe e eu em Inhaminga, eu fui corrigindo palavras mal escritas por ela e senti que ela ia fazendo bastante esforço em escrever correctamente o português, tanto assim que deixou de me tratar por *boxemexê*.

Conceição era, na verdade, uma mulher directa e simples, com uma vontade enorme de aprender. Trabalhadora, conheci-a agarrada a uma enxada e saberia ser uma boa dona de casa. Daí ter sido fácil o nosso relacionamento como casal.

O único senão nela eram os nervos. Enervava-se com muita facilidade e fazia birras, se não lhe fossem feitas todas as vontades. Não sei se era por eu ser mulato e ela branca,

mas a verdade é que, muitas vezes, fui muito subserviente para com ela. Anos mais tarde é que vi o erro que foi eu ter-lhe habituado a isso. Deveria ter sido menos condescendente, logo no início, mas tinha cometido alguns erros no meu primeiro casamento que eu não queria repetir neste segundo. Mas fora disso, fomos tendo um casamento normal e feliz; tirando as zangas que, por vezes, se prolongavam por intermináveis e cansativos dias. Mas lá nos fomos habituando, de tal sorte que as zangas se tornaram rotina.

Até que veio o primeiro filho, um rapaz, o Octávio. Era o que ela mais desejava. Os mais velhos se afeiçoaram logo ao bebé, tendo crescido muito mimado, quer pelos pais, como pelos irmãos.

Já tínhamos a Lara, o Carlão, o Leopoldo, o Adão e o Octávio. Nos anos seguintes, a cegonha ainda trouxe mais uma menina, a Margarida e, por último, mais um rapaz, o Júnior. Aí, fechamos a “fábrica”.

\*\*\*\*\*

Em 1973, a guerra eclodiu em Inhaminga. De uma pacata vila, onde praticamente nada acontecia de extraordinário, passou a ser um local de terror, com tiroteios durante a madrugada, ataques aos comboios com bombas e bazucas, as linhas férreas sabotadas e destruídas, o que provocava constantes descarrilamentos.

Eram os “turras”; os tais terroristas de que eu havia falado, lá atrás, de que eu pensava ser apenas um bando de ladrões que atacavam lojas, lá para o Norte, em busca de comida. Estavam, agora, a pôr Inhaminga em polvorosa.

Haviam descido pelas matas, rumo ao Sul, dispostos a “libertar Moçambique do jugo colonial”.

Seriam estes “terroristas” – depois chamados libertadores da Pátria, a partir de 1975 – que fizeram Moçambique ascender à independência; os mesmos que haveriam, também, de me mandar para a prisão, por eu ter sido conivente com o sistema, por ter convivido com os brancos durante o regime colonial-fascista, por ter sido voluntário numa organização paramilitar, por ter sido um assimilado, inclusivamente ter casado com uma branca portuguesa, em suma, fui considerado um “comprometido”, com uma foto exposta na praça pública, para que todos me conhecessem como um «criminoso, um amigo dos colonialistas».

\*\*\*\*\*

Estávamos ainda em 1973, quando chegou à vila a notícia de que um nosso conhecido, o Carriço, um mecânico branco, havia sido emboscado e morto a tiro. «Foram os turras», ouvia-se na vila, de boca em boca. Com raiva, parte da população branca, furiosa, apanhou os primeiros negros que avistaram na rua, alguns dos quais de passagem e que se preparavam para apanhar um autocarro com destino a Quelimane: sovaram-nos, amarraram-nos aos carros, tendo sido arrastados pela vila, para servirem de “exemplo aos outros pretos”.

Na pedreira de Muanza, próximo de Inhaminga, o encarregado, branco, de nome Jacinto, e a esposa foram, também, assassinados pelos “turras”. Toda a zona urbana de Inhaminga ficou, uma vez mais, em pânico.

No Clube Ferroviário da TZR, ao fim da tarde, no meio de copos, ouviu-se uma outra versão sobre os acontecimentos da pedreira, contada pela boca de um engenheiro, o Góis, o director da fábrica da Nova Maceira, que por lá havia passado dias antes:

«Lamento muito o que aconteceu ao Jacinto e à esposa, mas aquilo tinha que acabar mal. Eu estive lá, umas semanas antes, para falar com o Jacinto, para acertarmos alguns carregamentos de calcário para a fábrica, na Beira. Quando eu lá chego, deparo-me com uns doze pretos mortos e pendurados de cabeça para baixo, numas árvores. Epah, eu nunca tinha visto uma cena assim...Fui logo ter com o Jacinto para lhe perguntar que merda era aquela! Ele explicou-me que o assunto não era com ele, que foram os tropas que guarneciam a pedreira que mataram os gajos, porque eram todos turras. Ele contou-me que não acreditava nisso, porque os conhecia muito bem, que até eram os melhores trabalhadores da pedreira. O chefe da DGS (*Direcção Geral de Segurança, a Polícia política portuguesa*) não quis saber e mandou metralhá-los todos, à frente dos restantes pretos da pedreira e pendurá-los nas árvores, pelos pés, para servirem de exemplo. Pelo que o Jacinto me contou, a tropa já havia feito o mesmo nas zonas das palhotas. Outros tinham vindo de outros distritos para serem ali mortos e enterrados. Ele falou em umas 300 pessoas mortas assim, mas eu não acreditei. Agora, está aí o resultado: o Jacinto e a mulher foram também mortos. O que se podia esperar, depois daquela barbaridade àqueles pretos todos?...».

Os ataques à vila e a outros locais onde residiam brancos, entre os quais as farmas, passaram a ser habituais,

sobretudo nos finais de 1973, nos primeiros meses de 1974 e, até mesmo, alguns meses depois do 25 de Abril desse ano, quando ocorreu o golpe militar em Lisboa, que pôs termo à ditadura portuguesa e abriu caminho à democracia em Portugal e à independência das colónias.

Todo o mundo, até mesmo eu, embora os conhecesse no Clube Ferroviário a tomar copos, tinha medo de se aproximar do Pepe, do Afonso, do Libertino e do Carneiro, e sobretudo do seu chefe, o Gorgulho, os conhecidos torturadores da DGS, a Polícia secreta que antes tinha o nome de PIDE (*Polícia Internacional de Defesa do Estado*).

Ouvia-se dizer que eles até usavam choques eléctricos para arrancar confissões às pessoas presas de quem se suspeitava serem os tais “terroristas” da FRELIMO. Ligavam os fios aos testículos dos homens e aos bicos dos seios das mulheres. Alguns até morriam durante essas torturas. Lembro-me que me causou bastante dor quando soube que começaram até a levar crianças para a sala de torturas, no comando da PSP (*Polícia de Segurança Pública*).

A algumas delas foram-lhes arrancadas as unhas, para dizerem se os “pais davam comida aos turras lá em casa”. Um caçador muito conhecido, o Faria, inventou uma máquina para arrancar confissões às crianças. Era um horror quando, por vezes, passávamos próximo às instalações da Polícia e ouvíamos os gritos dilacerantes dos miúdos, vindos dali.

Por sua vez, os guerrilheiros da FRELIMO, os tais “terroristas”, também não se poupavam nos ataques à vila. Vários comboios de passageiros e de mercadorias sofreram descarilamentos das suas carruagens, em locais onde os parafusos

dos carris eram desapertados e as linhas sabotadas. Por vezes, levavam bazucadas vindas das matas. Os ataques ao quartel eram, também, frequentes. Nunca se sabia de onde os tiros seriam disparados, o que fez com que toda a zona circundante fosse desmatada e colocados holofotes, iluminando toda a zona à volta do quartel. Mesmo assim, eram feitos disparos contra o quartel. Já quase ninguém viajava de comboio para Beira, por causa desses ataques. Quem tinha possibilidades ia de avião, pois em Inhaminga havia um aeródromo, onde descolavam e aterravam os táxis aéreos.

Certa vez, rebentou uma bomba, deixada numa pasta, no café do cinema do Simões. E, nessa noite, até tinha havido uma exibição de um filme, do famoso Trinitá. Nunca se soube se foi apenas um aviso, ou se o relógio estava assim programado, mas a verdade é que a bomba explodiu, só após terminar a exibição do filme e o café ter sido encerrado, portanto sem gente no local. Mas a potência da bomba foi tão grande que não só destruiu o café por completo, as escadarias do cinema que ficava no primeiro andar, a bilheteira, como ainda parte das instalações térreas e vizinhas de um banco. Dessa vez, não houve vítimas humanas a lamentar. Mas imaginem se a bomba tivesse explodido durante a exibição do filme...e os meus filhos que tinham ido ao cinema nessa noite. Nem quero pensar.

Face à situação que se agravava em Inhaminga, sendo eu um assimilado, e ainda por cima casado com uma portuguesa, nada mais me restava senão filiar-me à OPV (*Organização Provincial de Voluntários e Defesa Civil de Moçambique*), uma organização que agregava civis com

armas em casa, caso contrário poderia ser até considerado um simpatizante dos «turras».

É verdade que alguns dos membros da OPV, juntamente com os soldados e os DGS, faziam incursões nocturnas no encalço dos tais terroristas, mas eu juro por Deus que nunca participei nelas. A única coisa que fiz foi trazer uma granada, para guardá-la em casa, para minha própria autodefesa e da minha família. Chamei os meus filhos mais velhos, bem como a minha esposa, mostrei aquela arma mortífera e adverti-os sobre a sua perigosidade. Guardei a granada por cima da estante dos livros, longe do alcance das crianças. Felizmente, nunca foi necessário usá-la.

De cada vez que havia um ataque ao quartel das tropas, a uns dois quilómetros da vila, ouviam-se os tiros, como se fosse dentro de casa. Aí a família escondia-se debaixo das camas e eu ia para o quintal, levando a granada na mão, para, supostamente, participar na defesa da vila, melhor dizendo, da minha casa. Após o 25 de Abril, enterrei a granada, num buraco bem fundo que fiz no quintal.

Nunca Inhaminga tinha tido um cenário tão dantesco como o período entre 1973 e 1974: lá havia todo o tipo de tropas, se não me engano e, pelo que li, não sei se exagerado ou não: um batalhão completo de tropa regular do exército, com mais de 400 homens; um batalhão de pára-quedistas com 240 unidades; duas companhias de comandos, com 200 operacionais; grupos especiais (constituídos por soldados só de raça negra, dizia-se que eram angolanos e guineenses, tidos como muito cruéis, formatados para mutilar e matar os negros moçambicanos, incluindo civis), ultrapassando os

650 soldados e um efectivo da PSP de uns 80 elementos, para além dos agentes da PIDE/DGS, especialmente deslocados da cidade da Beira e da Casa Algarve, em Lourenço Marques.

Oficialmente, o objectivo deste universo de segurança pública destinava-se à protecção dos aproximadamente mil brancos residentes em Inhaminga, mas deixaram um vasto rasto de assassinatos na região. O campo de tiro ao alvo (originalmente de pratos) passou a ser, inclusivamente, um campo de tiros de metralhadoras. Dizia-se que os soldados levavam para lá pessoas capturadas, indiscriminadamente, nas plantações e nas estradas, e com eles faziam tiro ao alvo, matando-os cruelmente, como se fossem gazelas fugitivas.

A dado momento, as celas da PIDE/DGS estavam superlotadas de tantos «turras». Havia umas celas subterrâneas, próximo das oficinas da TZR, onde chegaram a ficar presas mais de 400 pessoas em espaços preparados apenas para uns 50 reclusos. Estes espaços não tinham praticamente ventilação e as portas de ferro eram seladas, estando os presos sujeitos ao calor tórrido e à falta de ar. Pelo que se soube mais tarde, muitos destes prisioneiros morreram nas celas, vítimas de asfixia.

Muitos dos chamados “terroristas” eram apanhados, aleatoriamente, nas plantações. Outros eram presos, por suspeita de andarem a alimentar os “turras da FRELIMO”, por comprarem, nas mercearias dos brancos, quantidades “suspeitas” de comida. Um nosso ajudante da TZR, o Ambrósio, foi capturado em sua casa, porque nessa manhã havia comprado um saco de cinco quilos de farinha de milho e um outro de açúcar, o que fez suspeitar que andava a alimentar

os “turras”. Afinal, ele tinha apenas uma cerimónia familiar em casa e havia decidido reforçar os mantimentos. Nunca mais o vimos.

As suspeitas eram tantas, de entre a população, de “serem da FRELIMO”, que os soldados e os agentes da PIDE/DGS decidiram levá-los, à noite, em camiões, até zonas distantes da vila. Quando lá chegavam, já havia buracos feito por um “Caterpillar”. Eram atirados para a vala comum e aí mortos a tiro de metralhadora. A pá escavadora tratava depois de tapar o buraco. Diz-se que alguns deles ainda estavam vivos, quando foram enterrados, tendo morrido asfixiados pela areia. Terão morrido, nestes massacres, mais de três mil pessoas, segundo os relatos feitos após a independência.

Foram tantas as pessoas fuziladas, queimadas e enterradas em valas comuns que, após a independência, as novas autoridades moçambicanas baptizaram algumas artérias rodoviárias em várias cidades, entre as quais da cidade de Maputo, de “Avenida Mártires de Inhaminga”.

\*\*\*\*\*

A notícia de que algo se estava a passar, de invulgar, em Lisboa, foi ouvida pela rádio ao meio da manhã. Tocava-se, como se fosse um disco partido, a «Grândola Vila Morena», do cantor português Zeca Afonso, a canção que foi o alerta para a sublevação das tropas na capital portuguesa.

Cheguei até a conhecer o jornalista que pôs esta canção a tocar na Rádio Renascença, em Lisboa, na madrugada do dia 25 de Abril, um branco chamado Leite de Vasconcelos, que foi, mais tarde, director da Rádio Moçambique, em Maputo.

Lembro-me ainda, após o 25 de Setembro de 1974 – data da assinatura dos Acordos de Lusaka que fizeram cessar a guerra em Moçambique – poder ver finalmente os tais «turras» que causaram tanto medo, pânico e terror em Inhaminga.

A minha perplexidade foi ver que os tais guerrilheiros da FRELIMO eram na maioria jovens, diria até, miúdos, de uns 14, 15 anos, que entraram em parada militar na vila, trajando fardas andrajosas, carregando ao ombro espingardas «Mauser» e metralhadoras «AKM». Esses é que eram, afinal, os tais “terroristas”?... Olhei-os de modo bastante perplexo.

Mas a verdade é que foram recebidos em apoteose pela população, como heróis. Contaram-se inúmeras histórias fantasiosas, com alcunhas impossíveis e com desfechos improváveis. Mas era assim a imaginação popular, muito dada a tudo que até então era condenável, passando a ter um sentido completamente diferente. Os papéis inverteram-se e os bandidos afinal eram iguais a nós e, portanto, verdadeiros heróis que se sacrificaram pelo povo, para derrotar os dominadores déspotas que eram os colonos brancos. Viveram-se momentos de plena euforia, que nunca supus vivenciar um ano antes.

Entretanto, a maior parte dos meus colegas de raça branca preparava-se para voltar à Metrópole. Alguns, já tinham enviado os contentores para Portugal, para as suas terrinhas.

E eu? Eu tinha todos os motivos para ir, também, para Portugal. Era um assimilado, tinha uma mulher branca portuguesa, um filho branco, a minha filha que havia regressado, pouco tempo antes, de Vila Nova de Gaia, onde havia

estudado durante cinco anos, tinha uma educação tipicamente portuguesa e os outros meus filhos tinham sido educados também à maneira lusa.

Mas, contrariamente ao esperado, falei com a família toda, incluindo meus irmãos, meus cunhados, meus primos e decidimos, todos, ficar em Moçambique. Confesso que, anos mais tarde, me arrependi muitas vezes de termos tomado esta decisão. Mas acreditei, na altura, que se iria erguer um novo País, um Moçambique novo, livre de racismo, um País igualitário, como se dizia “livre das amarras coloniais”, no qual os meus filhos iriam crescer em liberdade e sem discriminações. Uma vez mais, me enganei. E sofri muito, por causa disso.

\*\*\*\*\*

Nos primeiros dois anos após a independência, a minha expectativa sobre o novo País era tão grande que até fui secretário do grupo dinamizador do meu bairro. Nessa altura, os grupos dinamizadores desempenhavam uma vasta gama de funções, nomeadamente, tratavam de assuntos sociais dos bairros, de questões jurídicas, do policiamento, da segurança comunitária e, até mesmo, de assuntos de administração e gestão locais.

Encarregavam-se, acima de tudo, da mobilização da população para implementar as decisões emanadas dos órgãos centrais do “Partido e do Estado”, isto é, da FRELIMO, que governava o País. Estávamos todos engajados em construir um novo País, uma Nação só nossa, dos moçambicanos, iríamos passar a ser donos do nosso

destino. Era assim que eu me sentia, não mais um português assimilado, mas um moçambicano. Vivi empolgado com este espírito patriótico, engajado, até ao dia em que fui denunciado por colegas de serviço, alguns dos quais meus subordinados que queriam o meu lugar de chefe, de eu ter sido um “comprometido” com o regime colonial-fascista, por eu ter sido da OPV, e aí os meus sonhos sobre a nova Nação começaram a esmorecer.

Entretanto, por essa altura, um episódio triste passado com a minha filha Lara e um seu amigo de Inhambane mexeu também muito comigo. Nesse dia, seriam por aí dezoito horas, quando alguém com um aspecto faminto, extremamente magro, camisa suja e com as calças presas por uma corda de sisal, bateu à porta da nossa casa. Minha filha, horrorizada, reconheceu-o, de imediato:

«Lara, por favor, dá-me algo de comer», suplicou ele.

A minha filha, de imediato, correu a perguntar-me se poderíamos ajudá-lo, informando-me que era um seu antigo colega do Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Inhambane, onde ela havia estudado, após ter voltado de Portugal.

Convidei-o a entrar e perguntei-lhe o que se havia passado. Enquanto comia, sofregadamente, uma sandes de ovo, explicou-nos que, enquanto estava sentado com outros colegas numa esplanada de um café em Inhambane, apareceu, de repente, um camião militar já com algumas pessoas dentro e soldados fortemente armados que os cercaram e os obrigaram, apontando-lhes armas, a entrar no veículo, dizendo-lhes que iriam “proteger o novo País, que seríamos os soldados da nova Pátria”. Assim, sem mais, nem menos, apenas com

a roupa do corpo, nem mesmo dando oportunidade de se despedir da família. Estava eu muito longe de imaginar que uma situação destas viria a acontecer também comigo, anos mais tarde.

Já andavam a viajar há vários dias, não comendo praticamente nada, a não ser bolas secas de xima e restos de peixe seco, estando todos apertados dentro do camião, com um calor insuportável. Só paravam para fazer as necessidades ou quando bebiam água em alguns riachos que iam encontrando ao longo do trajecto.

«Para onde iam, qual era o destino?», perguntei.

«Não sabemos, já tentamos perguntar, mas os soldados mandaram-nos calar».

Como tinham parado em Inhaminga e a Lara havia dito no Colégio onde ela morava, procurou-nos para nos pedir ajuda, mas ele tinha de voltar rapidamente ao camião, sob pena de ser chamboqueado, ou até mesmo morto, se tentasse fugir.

Demos-lhe alguns enlatados, entre os quais sardinha e atum, para além de bolachas e ele, rapidamente, passou um papel à minha filha, dizendo para que ligasse à família em Inhambane e a informasse sobre o que havia sucedido, mas que ela dissesse que ele «estava bem», para não ficar muito mais desesperada do que já estava.

Entretanto, demos-lhe também o nosso número de telefone de casa, caso ele precisasse de algo e pudéssemos ser úteis, dentro das nossas possibilidades.

Acompanhei-o até ao tal camião, onde estava um numeroso grupo de rapazes e raparigas, a maior parte dos quais

mulatos, com roupas encardidas e a cheirar mal, já que não tomavam banho há bastante tempo e ali se despediu de nós, a Lara a chorar com o coração apertado. Senti muito por ela, porque a minha filha poderia estar também aí nesse grupo, se tivesse sido apanhada, nas mesmas circunstâncias, se estivesse em Inhambane, naquele dia e naquela esplanada.

Antes de entrar no camião, já superlotado com aquela gente toda, o Rafael, o tal rapaz de uns 17 anos, pediu-nos encarecidamente para que não nos esquecêssemos de informar aos pais.

«Claro, fica descansado», disse a minha filha.

No dia seguinte, bem cedo, a Lara ligou e quando informou à mãe do Rafael sobre o sucedido, foi um grito tão dilacerante que se ouviu do outro lado, de tal modo que eu fiquei gélido, petrificado, tal a amargura daqueles pais. Imaginei-me no lugar deles, coitados.

Dois dias depois, quando menos esperávamos, recebemos em casa uma chamada, por volta da meia-noite, de alguém informando que tinha encontrado o nosso número de telefone, nos parques pertences do Rafael e que estava a ligar para nos informar que, nessa tarde, ele tinha entrado no rio Zambeze, juntamente com outros colegas para se lavarem e que, subitamente, apareceram crocodilos que atacaram alguns deles, provocando a morte do Rafael. Minha filha desatou em pranto que eu nunca ouvira vindo da parte dela, num choro convulsivo, tão profundo.

«Agora, como ligar para os pais do rapaz?».

Lara não tinha coragem. Tive de ser eu a fazê-lo.

A muito custo, dei-lhes a notícia nua e crua. Meu Deus, foi horrível! Além do Rafael, a quantos mais este tipo de situação aconteceu? E outras atrocidades perpetradas contra cidadãos, na calada da noite e que nunca foram relatadas?

\*\*\*\*\*

Se ainda se lembram, eu havia dito mais atrás que a minha filha tinha ficado a estudar em Portugal e agora, de repente, digo que ela estava connosco em Inhaminga. Bem, esqueci-me de vos informar que, entretanto, a minha filha havia regressado de Vila Nova de Gaia porque, apesar de se sentir bem com a tal família a quem ela até já chamava de mãe, pai e irmã, ela tinha saudades nossas, o que era perfeitamente compreensível. Após o seu regresso, matriculei-a num colégio privado de freiras, em Inhambane, onde deu continuidade aos seus estudos liceais.

Após a sua chegada, uma das primeiras coisas que me pediu foi: «Papá, posso tratar-te por tu? É assim que eu tratava os meus pais em Portugal». Bem, pensei para com os meus botões, será a primeira pessoa em todo este tempo a tratar-me por tu, para além da Conceição: «Está bem, filha, até me sinto mais jovem...».

Uma rapariga espigadota, alta, falando muito bem a língua portuguesa era um orgulho para mim. Ela integrou-se muito bem com a nova mãe, a minha esposa, a São, nome com que ela tão ternamente a tratava. Era muito cuidadosa, a ponto de lhe pôr batom, creme ponds, pó e rouge, para realçar as maçãs do rosto, conforme a Lara dizia. E lá ia ela e a minha Conceição, toda aperaltada, às compras. Eram muito amigas, o que era um regalo para mim.

Mas estava a chegar a altura de a Lara retomar os estudos e regressar ao colégio, em Inhambane. Foi, mais uma vez, um tempo muito complicado. A Lara não se queixava, mas, muito tempo depois, soube por ela que, de cada vez que a deixava lá com as freiras, ela queria e traçava mentalmente um caminho imaginário, que a traria de volta para casa. Mas as coisas não poderiam ser do jeito que ela queria. A vida obrigava-nos a seguir em frente e essa etapa ela tinha de a percorrer. Quanto aos irmãos, estes também estavam no Colégio dos Maristas, na Beira. E só se encontravam quando de férias. Aí, era uma correria pela casa e pelo quintal.

Mas outras coisas estavam para acontecer e dilacerar-me a alma. Bem, daqui a pouco voltarei a este assunto.

Logo após a independência, a minha filha Lara teve de deixar o colégio, pois as tropas haviam tomado o local como quartel. As freiras tiveram de partir para as suas terras de origem, para Portugal, Espanha, entre outros destinos. Os irmãos Maristas, quase todos eles brasileiros, também deixaram Moçambique, na sequência da proibição do ensino privado no novo País, à semelhança da abolição da medicina privada e da advocacia privada.

Em face das novas circunstâncias políticas, pus os meus três filhos mais velhos a viver no Lar dos Caminhos de Ferro e a estudar no Liceu Pêro de Anaia (mais tarde Escola Secundária Samora Machel), na cidade da Beira. Foi um tempo em que estiveram juntos e pareciam-me muito felizes.

Entretanto, regressados à casa no final do ano lectivo, a Lara comunica-me que não deseja mais continuar os estudos,

que quer ser professora. Fiquei desiludido. Os rapazes continuaram. Ela optou por ficar connosco e dar aulas na Escola Preparatória de Inhaminga, que ficava mesmo em frente à nossa casa. Entendi que, talvez, fosse por sempre ter estado tanto tempo longe de casa. Bem, continuava a ser a nossa menina. Até que um dia... Bem, agora voltamos àquele suspense que vos prometi.

\*\*\*\*\*

Lara, já professora, mas com uns 17 anos de idade, ficou embeçada por um colega meu da TZR, um sujeito bem mais velho que ela, ainda por cima separado da esposa e pai de uma filha.

Não pensei que isso fosse boa ideia para a minha filha, ainda por cima sendo ela uma menor de idade. Chamei-lhe à atenção e proibi-a de continuar essa relação. No dia em que conversámos, nessa mesma noite tinha de viajar até à vila do Dondo, para tratar de alguns assuntos inerentes ao meu trabalho, tendo-lhe dito que, quando regressasse, queria aquele assunto resolvido, caso contrário ela levaria uma sova como nunca tinha levado!...

Nem imaginem como me arrependi de tê-la ameaçado daquela maneira e logo a minha menina que nunca havia levado sequer um puxão de orelhas.

Mas eu não queria que ela tivesse este princípio de vida e ainda para mais com uma criança para cuidar; ela ainda era muito nova para este tipo de responsabilidades, ainda nem sequer tinha 18 anos de idade. Mas a vida, por vezes, prega-nos partidas. Lembrei-me que quando me casei com a

mãe dela, a Marília, tinha ela também 18 anos de idade e eu uns 30. Aliás, eu havia começado a namorar com ela, tinha Marília 14 anos. Estava eu a ser castigado por causa disso? Parece que sim, pelo que sucedeu a seguir.

Quando regresso à casa, a minha Conceição informa-me que a Lara tinha feito as malas e partido nessa noite, sem ter dito nada a ninguém, nem sequer deixado um bilhete.

Tristeza da minha alma. O que eu iria fazer? Chorei, quase morri. O meu coração praticamente parou. Como poderia ela ter feito tal coisa? Já a mãe biológica havia fugido de casa, agora a minha filha fazia o mesmo! Senti uma nova facada, semelhante à que levei quando a mãe dela nos deixou, como que se me tivessem revolido as entranhas e recordei-me da mãe dela e pensei: «Onde a vaca põe as patas, a bezerra também as põe».

Ainda procurei encontrá-la, mas alguém me informou que ela estava com o seu futuro marido já na cidade da Beira e que não queria voltar para casa.

Perdoem-me, se fui um tirano na forma como classifiquei a situação, mas não tenho palavras para descrever os meus sentimentos. Perguntei-me: «Onde foi que eu errei? Que foi que aconteceu? Dei tudo e é isto que levo em troca?».

Reuni todos os meus outros filhos, a minha esposa e informei-os, de uma forma drástica e radical: «A partir de hoje, a Lara morreu para mim, não quero nunca mais ouvir falar dela».

Só depois me dei conta das minhas palavras. Estas afinal não haviam sido as mesmas da mãe dela, quando me deixou?

E estava eu, agora, a repeti-las. Tanta crueldade, tanto rancor. Para quê tudo isto?

Os meus filhos ficaram com os olhos especados no chão, não se ouvia sequer uma mosca. A Conceição foi crucial para mim, nesse momento. Doía-me tanto a ausência da minha filha, mas, nessa altura, eu era muito intransigente, eu não ia dar a mão à palmatória. Afinal, foi ela quem saiu de casa.

Mas a vida também nos traz boas alegrias.

Num belo dia, recebi uma carta. Era um pequeno envelope remetido a mim, a letra floreada fez-me perceber que era uma carta escrita pela minha filha. Retirei-me para o quarto para lê-la em silêncio.

«É uma carta da Lara », disse à Conceição, eu já muito emocionado.

«Ehh, da Lara? Depois desses anos todos? Deixa-me ler», respondeu-me ela.

«Ela não mudou nada, continua a ser um amor, oh, saudades da Lara, como eu gostava dela, como se fosse minha própria filha, aliás mais que uma filha».



Enquanto ouvia a Conceição, ocorreu-me que devesse partilhar a carta com um velho amigo, uma pessoa muito íntegra, o Correia, para conversar sobre o que acabava de receber.

O Correia havia sido chefe da Repartição de Finanças em Inhaminga e ao ver que as obras da minha nova casa não avançavam, fez-me uma proposta de ser ele o primeiro inquilino. Em troca disso, adiantava as primeiras rendas e com esse dinheiro consegui os materiais de construção para os acabamentos da minha nova casa de alvenaria, a tal em que vivi com a minha nova família vinda de Portugal. Um amigo de toda a vida, desses que já não existem hoje em dia.

Abriu-me a porta a Hermínia, a esposa, e ao dirigir-me à sala encontrei o meu velho amigo ao fundo, sentado na sua secretária.

«Acho que não vais acreditar no que acabo de receber. Uma carta da Lara, depois desses anos todos».

Precisava daquele desabafo com alguém que me pudesse compreender, alguém que me pudesse dar alguma razão, alguém que soubesse o quanto eu havia esperado por aquele momento. O erro afinal não tinha sido meu, e ela, agora adulta, mãe de filhos, o reconhecia.

«E o que vais fazer?», perguntou-me com a voz grave, o meu velho amigo, puxando os óculos e olhando por cima deles.

«16 anos depois!...», respondi-lhe eu, pensativo.

«Emmanuel, os filhos são assim, um dia reconhecem que fazemos tudo para o bem deles. Vais perdoá-la e devem conversar, como pai e filha que nunca deixaram de se amar».

Saí pensativo mas aliviado, sabia que um grande passo tinha sido dado.

Entretanto, soube também, por amigos comuns, que a Lara estava com problemas no relacionamento com o marido, que tinha inclusive tentado o suicídio com comprimidos.

Poucos anos depois, ela convidou-me para que a visitasse, assim como a família, no país onde agora residia, a Irlanda. Cheguei ao aeroporto e ela lá estava muito feliz. Tinha-se separado do marido e já tinha outro parceiro. Quanto aos filhos, a quem eu conheci pela primeira vez, cada um estava em sua casa, a não ser o mais novo, a quem ela deu meu nome e ainda estava a tirar um curso.

Foi a oportunidade de os conhecer, a todos. Inclusive conversei com este meu novo genro, o Adelino, e adivinhem o quê? Ele tinha a mesma cor dos olhos da minha Conceição. Fiquei logo a gostar dele, não só por isso, mas porque era muito preocupado com a minha filha, era um amigo, um cavalheiro. Conquistou logo a minha simpatia.

Foram umas férias muito bem passadas. Imaginem que me levaram a visitar, ou melhor almoçar, num restaurante que ficava no meio de um cemitério. Quando me disseram isso, ri-me, mas quando vi foi outra coisa. Enfim, gostei imenso de ter estado com eles. Mas o que gostei mais foi da alegria que emanava da minha filha Lara.

Outra surpresa que tive com esta minha filha mais velha foi quando ela me veio visitar, de surpresa, já em Moçambique, três anos depois da minha ida à Irlanda. Estava eu sentado

no jardim, à frente da minha casa, quando vem um vizinho, o Maurício, e me diz:

«Sr. Emmanuel, está alguém no portão a perguntar-me se eu conheço um mecânico que possa desenrascar, pois o carro pifou. Lembrei-me logo de si, já que noutros tempos fazia isso. Importa-se de ver o carro?».

«Com certeza», respondi eu. Há muito que ninguém procurava os meus serviços de mecânico, talvez mesmo por causa da minha idade já bastante avançada. As minhas pernas já não eram mais a mesma coisa, demorei um pouco a levantar-me, mas assim que os vi voltei a sentar-me. À minha frente estavam a minha filha Lara e o meu genro Adelino, correndo a abraçar-me. Mais palavras para quê?...

# A MINHA CONCEIÇÃO





Os anos vividos com a Conceição foram intensos porque, não obstante as preocupações inerentes aos filhos, tive que me deparar também com uma mulher carente e adoentada.

Conforme expliquei em capítulos anteriores, a Conceição era uma mulher do Norte de Portugal com tradições fortes e influências galegas, dada a proximidade com a Espanha.

Quando me casei com ela, eu já era pai da Lara, do Carlão e do Leopoldo, tendo então aperfilhado o Adão, seu filho primogénito, fruto de uma relação na sua juventude que não dera certo.

Em resultado do nosso casamento nasceram, depois, o Octávio, a Margarida e o Júnior.

Os nossos filhos, desde cedo, mostraram interesse pela escola e matriculá-los não foi tarefa difícil, mas cabia à Conceição ajudá-los nos deveres de casa, nas lides domésticas, e ainda assim, sempre que lhe sobrasse tempo dedicava as tardes à costura, numa velha máquina Singer, onde ela costurava e remendava os calções dos miúdos e a minha própria farda do serviço. Eram longas as manhãs ao som do “Paralelo 27” e nas tardes, enquanto ouvia o “Quadrante da Mulher”, cantarolava, amiúde, os fados da Amália e de Linda de Suza, com o ferro-de-passar na mão. Era uma típica portuguesa irrequieta.

Enquanto estivemos em Inhaminga, antes da independência, apesar de alguma discriminação, por parte de algumas pessoas, por causa da nossa diferença de cores, posso dizer que vivemos bem. Eu trabalhava na TZR, ganhava o suficiente para os gastos de casa, fazia horas extraordinárias que me permitiam pagar as propinas dos colégios privados onde estudavam os nossos filhos mais velhos, na Beira e em Inhambane, mas o pior veio após a minha detenção sem culpa formada, por eu ter sido apontado como “comprometido” com o regime colonial, conforme já me referi atrás, cujos detalhes irão ler mais adiante. Os mais velhos saberão do que digo aqui, que o país passou por tempos muito difíceis, durante o período que se tentou fazer de Moçambique um Estado socialista, comunista, sei lá o quê que queriam fazer deste país, coisas que não entendo bem, porque nunca fui político. Mas a verdade é que os tempos foram, mesmo, muito difíceis.



Na nossa casita, íamos nos adaptando às dificuldades do dia-a-dia e a Conceição mostrava-se uma grande companheira. Aquela mulher a quem eu tinha ido buscar a Portugal, de uma pobre aldeia, estava completamente integrada nos hábitos e costumes nossos, não obstante não ter conseguido ao longo do tempo proporcionar-lhe uma viagem de regresso às Alminhas, para que pudesse rever as irmãs e restante família, como lhe havia prometido.

Mas, finalmente, com a ajuda dos nossos filhos, pudemos regressar a Portugal, muitos anos após a sua partida. Foi então uma sensação de missão cumprida, depois de quase 30 anos sem se verem umas às outras, apesar de o telefone lá de casa sempre tocar em ocasiões festivas, especialmente pelo Natal e pelo aniversário da Conceição.

O sobrinho dela veio buscar-nos ao aeroporto e fomos directo para a casa de uma irmã, num retiro em Fafe. Fomos muito bem recebidos com pão e vinho sobre a mesa.

Estivemos acomodados por três semanas na casa de uma das irmãs, grande cozinheira que nos ofereceu, à chegada, um borrego assado, que havia aprendido a fazer com a cozinheira-mestra do ‘Zé-da-Menina’.

Para o espanto dela, Fafe era agora uma cidade muito desenvolvida, com ruas asfaltadas, jardins ornamentados, lojas de comércio e um sistema de transporte bem desenvolvido, nada a ver com as ruas precárias de terra e pedra da sua juventude e as longas distâncias que percorria com um cesto de merenda à cabeça que levava ao pai, que trabalhava a muitos quilómetros da sua casa. A Conceição não acreditava como podia estar tão diferente e já não existirem as pessoas que outrora encontrara ali. Esse momento marcante serviu para apagar as mágoas de uma aldeia viperina que a tinha feito partir em sofrimento. Foi uma experiência maravilhosa esse retorno à mãe pátria.

O que me marcou ainda a vida com a minha Conceição foi também o momento em que, após uma viagem à África do Sul, me apercebi que ela não estava nada bem, pois aos poucos começava a demonstrar ares de cansaço, que algo de errado estaria a acontecer. Estávamos naquele país para me tratar, mas a partir daquele momento virámos as nossas atenções para ela, e logo os exames feitos deram conta, já em Maputo, de um coração cansado a precisar de uma operação urgente.

«A dona Conceição tem angina do peito», disse-lhe, carinhosamente, a médica.

«Vai precisar de uma cirurgia a peito aberto e poderá fazê-la cá, já temos condições para isso».

Temí nesse instante pela vida dela mas, como homem de fé que sou, juntei forças e disse para mim mesmo que era mais uma batalha a vencer. Conseguimos reunir as condições para que ela recebesse o tratamento necessário e, em 2004, depois de todas as diligências feitas, ela foi operada com sucesso ao coração, tendo tido uma boa recuperação.

Aliás, não era para mim estranho ter de cuidar da Conceição, porque toda a minha vida fui um autodidacta e era eu próprio quem tratava dela, com a ajuda de um pequeno livro, o “Formulário Nacional do Medicamento”, que me tinha sido oferecido, há um bom par de anos antes, pelo Manhiça, um técnico de Medicina.

Não éramos de almoçar fora, nem mesmo aos fins-de-semana. Por isso que os domingos, em casa, eram o meu dia especial. Dedicava-me a assar os frangos no quintal, enquanto ela tomava conta das lides da casa. Tinha gosto em assar frango num pequeno fogareiro velho de ferro fundido, porque me diziam: «O pai é que assa bem!».

A Conceição era uma mulher dedicada, o almoço era sempre a tempo e horas, lá vinha ela com a minha bandeja à hora do almoço, período em que fugia do serviço e vinha à casa almoçar.

«Oh Conceição, não me enchas assim o prato, só gostas de me impingir, impingir...», dizia-lhe eu em jeito de gozo, ao que ela me respondia:

«Olha, come e tá calado sim?! E já vais com muita sorte que to tenha trazido numa bandeja..!!», respondia-me com ar de satisfação pelo corredor, de regresso à cozinha.

Uma noite, sentados na varanda de casa, aproveitando uma brisa fresca que se fazia sentir, a Conceição olha para o céu e diz:

«Olha, que linda está a lua! Em Portugal, havia uma lua também assim!».

«Mas, Conceição, a nossa lua é a mesma de Portugal», respondi-lhe eu.

«O quê?... Ai é? Não me digas!!!», retorquiu ela, admirada e pensativa.

A Conceição tinha estudado o mínimo. Logo cedo, o pai, tecelão de cestos de fibra, e a mãe vendedeira de peixe, tinham-na posto a ajudar nos trabalhos. A escola tinha ficado para trás, a dela e a dos restantes irmãos. Passavam a noite a fazer tranças de fibra para ajudar o pai, enquanto a mãe chegava tarde da pensão onde também trabalhava como mulher-a-dias, para ganhar mais uns trocados.

Ainda que a Conceição dispusesse de formação escolar básica, foi ela quem, na verdade, alfabetizou os nossos filhos. Ficava horas a fio com eles, até que as contas de matemática saíssem certas, eu vi-a por vezes perder a cabeça e dizer:

«Oh menino, 3 e 3 são 6 e mais 5 são 11 e com 7 faz 18. Porquê escreveste 20?...».

Para os miúdos, não havia quem fizesse cálculos de cabeça mais rápido, embora a grafia estivesse ainda muito

alguém da perfeição. E foi assim que os nossos filhos foram preparados para a escola, sempre com boas notas, todos eles, e claro, eu sempre envaidecido nas reuniões de turma, por ter os filhos sempre no quadro de honra. Isso sim, foi sempre uma satisfação para mim, tê-los a estudar e a prepararem-se para cada um seguir o seu caminho. E, graças a Deus, nunca tive razões de queixa.

Ela sempre teve, também, boa relação com os meus filhos mais velhos, frutos do meu primeiro casamento.

Nos últimos anos, graças à melhoria das condições, já fazíamos viagens de carro à Nelspruit, íamos sobretudo levar a Conceição às consultas; ela tinha necessidade de se distrair e foi durante uma dessas viagens, no final da tarde, que nos deparamos com uma carregada nuvem cinzenta à nossa frente, que não demorou a transformar-se num verdadeiro temporal. O meu carro, de chaparia cansada, ia deixando passar água para dentro e, nesse dia, ouvi uma reprimenda:

«Casa de ferreiro, espeto de pau».

«Pelo menos, vamos chegar sãos e salvos; molhados, mas vamos chegar, isso eu garanto!», respondi-lhe eu.

Era hábito gozarem comigo, porque dedicava-me a arranjar os carros dos outros, mas nunca o meu. A Conceição, coitada, que, entretanto, durante a viagem vinha mergulhada no sono, acordou aos prantos:

«Ai Jesus, está a chover aqui dentro! Ai porra, que me estou a molhar-me toda, caraças, oh Emmanuel pah!» ... rimo-nos, mais tarde, daquela caricata situação.

Dos passatempos que me davam mais prazer em casa era o de assistir aos festivais da canção que passavam na RTP África. O Júnior, o meu filho mais novo, parecia ter herdado também o gosto por este género de espectáculo e assistíamos os dois, atribuindo pontuações aos cantores com boas críticas e comentários.

Abria, por vezes, uma garrafa de champanhe – ofertas de amigos no Natal, que eu ia guardando por raramente beber álcool – porque encantavam-me aquelas músicas que me lembravam um pouco das matineés dançantes que frequentava na juventude. Eu gostava de dançar, dancei muito com as minhas irmãs nas festas no clube, mas depois que me casei com a Conceição não voltei mais a dar um pé de dança. A Conceição não se ajeitava e era muito acanhada para dançar.

O Júnior acompanhava-me nessas noites de festival, mas andava preocupado com ele. Ele era muito calado e, apesar de saber que se dedicava aos estudos, preocupava-me que não conseguisse entrar na Universidade Eduardo Mondlane, para o curso de Medicina.

Nunca tive razões de queixa dos meus filhos, mas gostava que eles se formassem e seguissem a sua vida. Foi, então, numa dessas ocasiões que falávamos sobre o exame de admissão que lhe disse:

«Se passares no exame, vou oferecer-te um presente».

«Presente? Mas o pai nunca me ofereceu nada para eu passar, contrariamente aos pais dos meus amigos que oferecem motas, viagens, mas eu nunca recebi nada!».

«Se passares, desta vez vais ganhar algo. Eu te prometo».

Semanas mais tarde soube, para a minha felicidade, que o Júnior havia sido admitido no curso de Medicina. Foi então que lhe disse:

«Vai à geleira e tens lá uma coisa para ti».

«À geleira, pai?».

«Sim, ao congelador!».

Ele lá foi e, ao abrir e ver o presente, veio a rir. Trazia na mão um “quibom” de chocolate. «Mas pai...um “quibom” ...».

«Disse-te que te iria dar um presente, ora aí o tens, coma e esteja calado».

O Júnior saiu a dar gargalhadas. Eu nunca os tinha mimado com presentes e não seria desta vez que isso iria acontecer.

Quando soube que estava em cena o filme “O Conde do Monte Cristo” fui com o Júnior ao cinema. Lembram-se de ter dito, mais atrás que eu já tinha este livro comigo, desde os tempos da serração? Todos os meus filhos, sem excepção, haviam lido esta monumental obra de Alexandre Dumas. Então, imaginem o meu entusiasmo.

Disse-me ele que era uma versão moderna e perguntava-me, cá para mim, que raio de versão moderna se o filme já o tinha visto há muitos anos atrás e os livros já os tinha lido todos e conhecia a sua história em detalhe.

Fomos no meu carro, um Toyota Corolla bem velho, pela avenida abaixo, sem os travões em dia. O Júnior já estava acostumado a me ver a conduzir o carro e a bombar o pedal do travão 10 metros antes do ‘stop’ e a usar o travão de mão em última alternativa. O carro era o meu depósito de tudo e cada vez que um deles entrava, ouvia uma bronca por isto ou por aquilo. Mas eu já estava acostumado e não ligava patavina, mandava-os se «lixar a todos».

Entrámos na sala com as luzes apagadas e o filme a começar. Era mesmo um filme moderno, com efeitos especiais, diferente do que eu já tinha visto. Revi com emoção as cenas do filme, a injustiça praticada contra um homem pobre e honesto, que sofre uma traição. Depois de muito sofrimento, ele volta para se vingar e, finalmente, resgatar o amor da sua vida. Teria isso a ver com a minha vida passada? Fui ver o filme umas três vezes ao Xenon, das quais duas sessões em dois dias consecutivos, de tanto que eu gostava daquela história.

Acerca das viagens à África do Sul, lembro-me agora que foi em Nelspruit que foi diagnosticada a minha doença – esta que me está a fazer ficar na cama, agora que estou prestes a fazer 80 anos – exactamente a 11 de Setembro de 2001, pelo Dr. Pakendorf, em Nelspruit, ainda me lembro muito bem, pois foi o dia do atentado ao *World Trade Center*, em Nova Iorque.

Ele foi directo e disse que eu tinha um cancro de próstata numa fase latente e que precisaria de um tratamento com injeções e comprimidos e depois uma radioterapia. Foi um choque para mim, que vivia sempre atento à minha saúde

e que nunca cheguei a desconfiar de nada, até saber que o próprio Nelson Mandela tinha também a mesma doença e também o Desmond Tutu.

Sempre tive hábitos de vida saudáveis, pouco bebi, nunca fumei e caminhava regularmente a pé. Raramente fiquei doente na minha vida e uma das poucas ocasiões, e também muito chata, foi quando fui operado às hemorróidas no hospital de Inhaminga por um médico tanzaniano.

Portanto, não percebi o porquê da doença, mas depois de muito ler percebi ser um problema de causa ainda desconhecida. Não cruzei os braços, nem me deixei abater, continuava a mesma pessoa, trabalhava e tinha a mesma rotina de vida. Procurei tratamentos alternativos naturais, entre os quais batidos de Aloe Vera com mel que me deram uma valente diarreia, mas não desisti nem um dia. Fazia viagens regulares à África do Sul para a radioterapia, sempre consciente da cura, sempre em busca de ficar bem. Os resultados foram animadores, durante anos senti-me como se não estivesse doente. Mas com a idade, os efeitos da doença agravaram-se e eis-me aqui, deitado, nesta cama, sem poder fazer os meus habituais movimentos, sabendo que a minha hora de partir está para breve.



# TRANSFERÊNCIA PARA MAPUTO



Para compreenderem por que razão falo de Maputo, quando em ocasiões anteriores situo a minha vida em Inhaminga, deveria ter explicado como viemos parar à cidade-capital.

Ora bem, ainda estávamos em Inhaminga, poucos anos depois da independência, quando comecei a ter notícias de ataques aos comboios dos CFM (deixou de se usar a designação TZR) e de sabotagens na linha férrea.

Afinal, estava-se a repetir o mesmo tipo de ataques aos comboios, como havia acontecido no tempo colonial, só que quem estava a defender, desta vez, não eram mais as tropas portuguesas, mas os soldados governamentais, da FRELIMO. Parece ironia, não é? Eu, como responsável das oficinas gerais de Inhaminga, pois já havia sido nomeado, não era mais um subalterno, fui algumas vezes chamado a ir a esses locais.

Foi quando vivi o maior susto da minha vida: estando no interior da locomotiva, já à noite, no percurso Muanza-Inhaminga, vi passar a menos de um metro de distância uma bazucada disparada pelos “matsangaíças”, como eram chamados os guerrilheiros da RENAMO, ou os “bandidos armados”. Lembrem-se que antes, também, se chamavam “turras” aos guerrilheiros da FRELIMO? Interessante, é que eu tivera a oportunidade de conhecer o comandante dos tais “bandidos armados”, na altura da independência nacional,

quando passou por Inhaminga, pois era um dos comandantes da FRELIMO!...Vejam só!

Nessa noite, lembro-me de ter chegado a casa ainda a tremer e ter contado à Conceição e aos miúdos, tendo eles ficado muito assustados e termos todos agradecido a Deus pela protecção naquela noite. Por mais alguns centímetros, a minha história de vida terminaria naquele mesmo dia.

Outro momento muito marcante na minha vida foi em 1981, quando o Presidente Samora Machel, durante a chamada “Ofensiva Política e Organizacional” que fez praticamente por todos o País, escalou Inhaminga. Eu, como muitos outros residentes na vila, lá fui com toda a família ao comício, no campo de futebol do Clube Ferroviário. Era a primeira vez que víamos, ao vivo, o nosso Chefe do Estado.

Ele falou sobre a então situação do País, dos esforços do Governo em lutar contra o subdesenvolvimento, mas que havia acções inimigas por parte dos “bandidos armados”, financiados pelos saudosistas do colonialismo, com vista a atrasar o nosso desenvolvimento, ao destruírem as infra-estruturas económicas e sociais. Falou também sobre alguns moçambicanos, saudosistas do tempo colonial, que haviam ficado em Moçambique para ajudar a sabotar o País. Falou sobre tantas coisas, mas que eu achei que não tinham nada a ver comigo. Quanta ingenuidade da minha parte. Só no dia seguinte é que me apercebi de que não havia interpretado bem o discurso do Presidente.

Como sempre, saí cedo de casa para ir trabalhar normalmente e qual não foi o meu espanto quando, chegado às oficinas dos CFM, apareceram militares em camiões, onde eu

fui colocado com outros colegas, incluindo um meu irmão, o Antoine, e enviados, directamente, para as celas da cadeia de máxima segurança da cidade da Beira, à guarda do SNASP (*Serviço Nacional de Segurança Popular, a Polícia secreta do novo Governo moçambicano*).

Nem sequer um telefonema para a família fui autorizado a fazer. Ficámos presos, sem processo ou acusação formal. A alegação era de que os mulatos que haviam ficado em Inhaminga estavam a “sabotar o desenvolvimento do País, porque eram comprometidos”. Fomos, afinal, os bodes expiatórios para justificar os problemas económicos e sociais que já existiam, nessa altura.

Foram perto de cento e oitenta dias de reclusão, a que chamei de “o meu curso”. Num dia, como outro qualquer, mandaram-nos recolher os parques haveres que tínhamos na cela e nos mandaram para casa com um «...Desculpem, foi engano...».

Mas depois disso, usei muito o provérbio «Há males que vêm por bem», como verão já a seguir.

\*\*\*\*\*

Com efeito, há alguns anos que vendo os meus filhos mais novos a crescerem, vinha solicitando a minha transferência de Inhaminga para Beira, para eles terem mais oportunidades nos estudos, mas o Ministro dos Transportes de então negava o meu pedido, com o argumento de que eu era “indispensável” em Inhaminga. Se eu fazia assim tanta falta, como é que me enclausuraram durante quase seis meses, numa cela? Ora bolas, para a minha “indispensabilidade”...

Após nos libertarem, aproveitei o momento e pedi uma nova transferência, já não mais para a Beira, mas para os CFM de Maputo. E não é que foi aceite?! Deus é justo!

E foi assim que parti com a minha esposa e os meus filhos mais pequenos, o Adão, o Octávio, a Margarida e o Júnior para a capital do país, onde chegámos no último dia de Janeiro de 1982. O Carlão e o Leopoldo já lá viviam, ambos já a trabalharem.

Vivemos todos nós durante um ano numa pequena flat tipo 1, cedida pelo Leopoldo, enquanto os CFM iam reabilitando uma ruína para onde passámos depois a viver.

Foi um período muito difícil, porque coincidiu com a grave crise que Moçambique viveu e, para piorar ainda mais as coisas, um dos contentores que transportava os nossos haveres ardeu num incêndio no Porto de Maputo.

Os mais velhos ainda se lembrarão disso, pois, naquele período, não havia nada para comprar e sobrevivíamos da troca de produtos. Era o tempo das “bichas”. Acordávamos de madrugada para ir às bichas, incluindo os próprios miúdos.



Um ano depois de termos chegado a Maputo, mudámo-nos então para a nova casa, a tal ruína de que falei há pouco – onde estou a viver os meus últimos dias – uma vivenda com três quartos e um quintal espaçoso que, nos anos mais difíceis, nos anos 80, serviu para, inclusivamente, fazermos uma machamba, onde plantávamos tomate, alface, couve, batata-doce, e isso ajudou muito a nossa dieta alimentar. Fiz também um pequeno pombal, onde punha algum milho que conseguia, atraindo com isso vários pombos que eu, depois, capturava e comíamos como se fossem codornizes. Verdade é que eram boas proteínas.

Engraçado foi o primeiro assalto que tivemos nesta casa, não para roubarem electrodomésticos, laptots ou telefones celulares, como acontece nos dias de hoje, mas para roubar...hortícolas. Isso mesmo, as nossas couves, as nossas alfaces, as nossas cenouras foram surripiadas por assaltantes nocturnos, com certeza com mais fome que nós. Para quem não viveu aquele período não conseguirá imaginar alguém a saltar o muro de uma casa para roubar hortícolas! Eu, como serralheiro nas horas livres, conseguia reforçar a segurança colocando barras de ferro por detrás das portas.

Foram momentos de grande sacrifício para todos, partilhado pela esposa e filhos.

\*\*\*\*\*

Quando me reformei, e devido à necessidade de me sustentar, pois ainda tinha os filhos mais novos em casa a estudar, continuei a trabalhar no Porto de Maputo, mas já contratado por empresas estrangeiras, com quem já lidava

há algum tempo. Tenho de realçar que me ajudaram muito, mesmo nos momentos difíceis, disponibilizando até um rancho de produtos e alimentos mensalmente, entre os quais conservas em lata, pão de forma, grades de refresco, detergente para a máquina de lavar, etc. Graças à boa vontade destes meus patrões ingleses, passámos a ter um pouco mais de luxo em casa, os miúdos podiam até passar a tomar refrescos aos fins-de-semana. Passámos a viver melhor, o Natal passou a ser mais completo, conseguíamos passar um bom momento, na nossa mesa velha trazida de Inhaminga cabíamos todos apertados, mas cabíamos todos. Isso muito graças ao facto de eu falar fluentemente inglês e também pelo meu grau de exigência no trabalho.



Estes últimos anos é que têm sido, na verdade, mais fáceis. Os nossos filhos têm-nos ajudado nas necessidades de casa e nos tratamentos médicos; os mais novos estão a trilhar as suas carreiras: o Octávio andou nas engenharias, mas seguiu a sua vocação e já é um sucedido apresentador de televisão desportiva (lembro-me dele, ainda pequeno, a atrasar

de me entregar o jornal, porque queria ler, antes, a página desportiva), a Margarida tem uma excelente carreira na área de comunicação e o Júnior é um médico com muito potencial. Graças a Deus, cada um deles encontrou seu próprio caminho. Não tenho com que me queixar. Tive, a princípio, uma vida difícil, mas consegui dar a volta por cima.



Para quem se lembra de um casal multicolor, ela branca, já velhota, de cabelos “prateados”, sempre acompanhado por um sujeito escuro, alto, também de cabelos brancos, a fazer caminhadas na Marginal, junto ao Clube Naval, quase todas as tardes, esses éramos nós.

Foram momentos de grande relaxamento e cultivo de saúde. Muitos jovens que nos viam a andar diziam sentirem-se mal, por verem dois velhotes a fazerem aquilo que eles não conseguiam fazer.

Ah! Quase me esquecia. Numa dessas tardes, a caminhar pela Marginal, um indivíduo chamou-me pelo nome.

Virei-me, mas não o reconheci de imediato. Ele disse-me que era de Inhaminga, que vivia agora na Beira, com uma reforma muito fraca, que a vida não lhe tinha corrido bem, entre outras lamúrias de um velho desgraçado.

E quem era ele? Lembram-se da minha detenção em Inhaminga e, depois, a reclusão na Beira? Pois é, vim a saber que ele é que foi o responsável pela minha prisão, que andou a inventar acusações infundadas, contra mim, de que eu era um dos “sabotadores nos CFM em Inhaminga”. Como a Conceição estava mais à frente, pois ela tinha uma grande genica, chamei-a e disse-lhe quem era o fulano com quem eu estava a falar. Eu queria que ela ouvisse o que me estava a entalar a garganta.

Olhei então para ele, dei-lhe um forte aperto de mão e disse-lhe, directamente na cara:

«Muito obrigado pelo bem que você nos fez; graças à sua maldade não ficamos mais em Inhaminga, que hoje está completamente destruída, pois viemos para Maputo, vimos os nossos filhos estudarem, a formarem-se e tornarem-se figuras de destaque na sociedade moçambicana, nas mais variadas áreas. Que Deus abençoe a sua vida, como abençoou a nossa...”. Ele partiu sem dizer mais nenhuma palavra.

Lá está: “Há males que vêm por bem”!

\*\*\*\*\*

Sempre disse que a minha meta de vida eram os 65 anos, mas quando lá cheguei achei justo usufruir um pouco mais da vida e defini um novo limite, os 80 anos.

Pude ver os meus filhos a formarem família, brinquei com os meus netos, uma felicidade contagiante e indescritível.

Estou, agora, nos 80 anos, completei-os a 23 de Dezembro de 2009. Acamado, respirando com ajuda de botijas de oxigénio, vivendo mais um pouco graças a comprimidos e injeções, mas sobretudo do amor dos meus filhos que, diariamente, aqui estão.

Sinto que cumpro a minha missão. Deus já pode me levar.

Até sempre! Levo comigo todos os que cabem no meu coração!

**Em nome do pai**  
**Número de Registo: DL/BNM/520/2020**  
**Impresso em Fevereiro de 2020**



